

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**CÂMPUS URUAÇU**

**NAYARA RODRIGUES VINHAL**

**IMIGRAÇÃO VENEZUELANA PARA O BRASIL: ANÁLISE DE DISCURSO  
(AD) DOS COMENTÁRIOS XENOFÓBICOS CONTRA OS VENEZUELANOS NO  
*SITE DO G1 RR***

**URUAÇU, DEZEMBRO DE 2019**

**NAYARA RODRIGUES VINHAL**

**IMIGRAÇÃO VENEZUELANA PARA O BRASIL: ANÁLISE DE DISCURSO  
(AD) DOS COMENTÁRIOS XENOFÓBICOS CONTRA OS VENEZUELANOS NO  
*SITE DO G1 RR***

Monografia apresentada a Universidade  
Estadual de Goiás - Câmpus Uruaçu como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em História, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Ma.: Aline do Carmo Costa Barbosa.

URUAÇU, DEZEMBRO DE 2019

Monografia apresentada como requisito avaliativo, necessário para obtenção de título de Graduação em nome do Curso de Licenciatura Plena em História.

Monografia apresentada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

---

Nayara Rodrigues Vinhal  
Nome do Aluno (a)

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma.: Aline do Carmo Costa Barbosa  
Orientadora

---

Prof. M.: Neilson Mendes da Silva  
1 – Examinador

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma.: Rayane Gomes  
2 – Examinadora

**URUAÇU, DEZEMBRO DE 2019**

## RESUMO

A nossa pesquisa é qualitativa e dedutiva, que busca a partir do conceito de discurso de Michel Foucault (1996), presente em sua obra: *A ordem do Discurso*, caracterizar o discurso presente nos comentários xenofóbicos dos internautas do site do G1 RR com a publicação da notícia de interiorização de imigrantes venezuelanos no Brasil, com a seguinte manchete: *Após a crise em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados*. Para alcançarmos a caracterização desses discursos xenofóbicos desses comentários, utilizaremos a técnica de Análise de Discurso (AD), em relação à formação discursiva, que envolve o interdiscurso e o intradiscurso. Sendo assim o nosso principal objetivo é: caracterizar os discursos desses comentários uma vez que, dizem a respeito à imigração venezuelana para o Brasil, revelando a forma como tal fenômeno é visto pelos internautas que frequentaram o site de notícias G1 RR para obter informação da imigração venezuelana no Brasil.

**Palavras-chaves:** Análise de Discurso (AD), imigrantes venezuelanos, Venezuela, xenofobia.

## ABSTRACT

Our research is qualitative and deductive, which seeks from the concept of discourse by Michel Foucault (1996), present in his work: *The Discourse Order*, to characterize the discourse present in the xenophobic comments of Internet users on the G1 RR website with the publication the news of Venezuelan immigrants' interiorization in Brazil, with the following headline: *After the crisis in Roraima, Venezuelans tell what life is like in other states*. To achieve the characterization of these xenophobic speeches from these comments, we will use the technique of Discourse Analysis (AD), in relation to discursive formation, which involves interdiscourse and intradiscourse. Therefore, our main objective is: to characterize the speeches of these comments since, they say about Venezuelan immigration to Brazil, revealing the way in which this phenomenon is seen by internet users who frequented the G1 RR news site to obtain immigration information Venezuelan in Brazil.

**Keywords:** Discourse Analysis (AD), Venezuelan immigrants, Venezuela, xenophobia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar, a Deus por ter me dado força e coragem para não desistir e seguir em frente, mesmo diante das dificuldades e imprevistos que surgiram ao longo do trabalho. Agradeço também a Nossa Senhora que durante este tempo intercedeu os meus pedidos até seu filho Jesus.

Agradeço à minha família, por todo o apoio, o carinho e a paciência durante toda a minha trajetória acadêmica.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de faculdade, que caminharam junto comigo. É com muito carinho que agradeço ao apoio destes colegas que se tornaram meus amigos ao longo do tempo. Foi uma turma maravilhosa, sempre levarei vocês comigo!

Agradeço também a Universidade Estadual de Goiás e a todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, de forma especial, a minha orientadora e professora Mestra Aline Do Carmo, por toda paciência que teve comigo e por ter aceito a me orientar neste trabalho.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1. A CONSTRUÇÃO DA CRISE MIGRATÓRIA VENEZUELANA: ELEMENTOS PARA SUA CONSTRUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 2: MIGRAÇÃO FORÇADA, FRONTEIRA E XENOFOBIA.....	16
CAPÍTULO 3: CARACTERÍSTICAS DOS COMENTÁRIOS XENOFÓBICOS CONTRA OS VENEZUELANOS PELOS INTERNAUTAS NO SITE DO G1 RR.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS.....	48

## APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos cresceu o número de imigrantes internacionais no Brasil, tornando o tema das migrações em nosso país, mais desafiador e complexo. (BOGUS; FABIANO, 2015). O Brasil passa a receber cada vez mais imigrantes e refugiados, que fogem de conflitos armados, como no caso de imigrantes oriundos em países do “[...] do Oriente Médio, África e Ásia.” (BOGUS; FABIANO, 2015, p. 128).

O tema da imigração é um tema atual no Brasil, tendo em vista aos grandes fluxos migratórios de pessoas que chegam aqui, inclusive recentemente, com a chegada de venezuelanos, principalmente após a crise na Venezuela em 2013, provocada por vários motivos e, principalmente, pela hiperinflação e o encarecimento da vida. Desde então os venezuelanos

[...] vêm experimentando uma generalizada ausência de proteção do Estado e violação dos seus direitos fundamentais. Faltam alimentos, remédios e atendimento de saúde. A hiperinflação diminui drasticamente o poder de compra da população. [...] Também a violência cresce, seja na forma de furtos advindos do desespero da população faminta ou de protestos duramente reprimidos pelas forças policiais. (MILESI; COURY; ROVERY, 2018, p. 54)

De acordo com a Anistia Internacional (2018 apud MILESI; COURY; ROVERY, p. 54), “Conforme o Relatório 2017/2018 da Anistia Internacional, em dezembro de 2017, a cesta básica para uma família de cinco pessoas custava 60 vezes a mais do que o salário mínimo.”

Foi buscando a sobrevivência, que os venezuelanos deixaram o seu país fugindo da fome e da violência que assombra o país, além de não terem acesso a medicamentos e muito menos meios de tratar enfermidades. Muitos deixam a Venezuela para poderem sobreviver e mandar alguma ajuda para os familiares que ficaram para trás.

Essa é a causa para que os venezuelanos migrassem para outros países como por exemplo, o Brasil. Infelizmente, muitos desses imigrantes venezuelanos que chegam no país em estado de vulnerabilidade, ainda passam, pelo sofrimento com o preconceito e a discriminação contra eles pela sua origem nacional. A xenofobia contra os venezuelanos vem se desenvolvendo tanto com agressões verbais ou simbólicas como também fisicamente. (MINA; LIMA; 2018, p.329).

Mina e Lima categorizam as ações xenofóbicas em “mais extremo” e “menos extremo”. Sendo a violência física as mais extremas e a violência simbólica a menos extrema. É a respeito dessa xenofobia menos extrema, contra os imigrantes venezuelanos, que me chamou atenção dentro dos comentários xenofóbicos dos internautas do site G1 RR, a partir da notícia de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil, publicado pelo site de notícia do G1 RR em 24 de dezembro de 2018, por Emily Costa, com a seguinte manchete: *Após a crise em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados.*

A notícia originou 212 comentários deixados por internautas, entretanto só analisaremos os 10% (dez por cento), devido ao tempo.

Apesar das ações xenofóbicas de caráter simbólico parecerem ser menos perigosas, por serem menos extremas, acreditamos que elas possam ser tão perigosas quanto as mais extremas, pois se levarmos em conta o poder que tem um discurso bem convincente veremos que ele pode ser muito perigoso, principalmente pela internet que possui um público bem grande. Foi pensando nisso que chegamos a seguinte indagação: Qual a característica dos discursos dos comentários xenofóbicos contra os imigrantes venezuelanos no Brasil, pelos internautas no site do G1 RR, a partir do noticiário sobre a interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil?

O nosso trabalho se preocupa em caracterizar os discursos desses comentários uma vez que, dizem a respeito a imigração venezuelana para o Brasil, da forma como tal fenômeno é visto pelos brasileiros que acompanham este site de notícias, podendo estes comentários influenciarem, diretamente ou indiretamente, na forma como os outros usuários possam enxergar a imigração venezuelana. O que torna o nosso trabalho relevante para tratar a temática da xenofobia enquanto ações xenofóbicas de caráter simbólico, mas que tem um grande potencial de destruição da imagem do outro.

Sendo assim o nosso principal objetivo é: caracterizar os discursos desses comentários uma vez que, dizem a respeito à imigração venezuelana para o Brasil, revelando a forma como tal fenômeno é visto pelos internautas que frequentaram o site de notícias G1 RR para obter informação da imigração venezuelana no Brasil. Além desse objetivo principal, temos dois objetivos específicos: a) conhecer os fatores que desencadearam a Crise na Venezuela, fazendo com que muitos venezuelanos deixassem o país; b) abordar a migração venezuelana para o Brasil a partir da noção de migração internacional, fronteira e xenofobia.



Este texto se trata de uma pesquisa qualitativa e dedutiva, que busca a partir do conceito de discurso de Michel Foucault (1996), presente em sua obra: *A ordem do Discurso*, caracterizar o discurso presente nos comentários xenofóbicos dos internautas do site do G1 RR com a publicação da notícia de interiorização de imigrantes venezuelanos no Brasil, com a seguinte manchete: *Após a crise em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados*. Para alcançarmos a caracterização desses discursos xenofóbicos desses comentários, utilizaremos a técnica de Análise de Discurso (AD), em relação à formação discursiva, que envolve o interdiscurso e o intradiscurso.

O nosso trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata da ascensão de Maduro na presidência da Venezuela até o atual contexto da crise na Venezuela, mostrando os fatores que desencadearam a crise, provocando a imigração de venezuelanos para outros países, como o Brasil. O segundo capítulo se refere à imigração venezuelana para o Brasil a partir de uma abordagem conceitual de migração internacional, de fronteira e xenofobia. Já no último capítulo, depois de conhecer o motivo da Crise na Venezuela e de já ter discutido a imigração venezuelana no Brasil, será feita a análise do discurso dos comentários xenofóbicos dos internautas, para caracterizar estes discursos, a partir do significado do discurso para Foucault (1996), presente na obra *A ordem do discurso*, através da técnica de Análise de Discurso (AD).

## **CAPÍTULO 1. A CONSTRUÇÃO DA CRISE MIGRATÓRIA VENEZUELANA: ELEMENTOS PARA SUA CONSTRUÇÃO**

Em 14 de abril de 2013, Nicolás Maduro do PSUV (Partido Socialista Unido da Venezuela), vence nas eleições presidenciais, se tornando presidente da República Bolivariana da Venezuela com 50,75% dos votos contra os 48,97% de seu opositor, Henrique Capriles do MUD (Mesa de Unidade Democrática). A eleição pela presidência do país em 2013, ocorreu logo após a morte de Hugo Rafael Chávez Frias. Reeleito pela terceira vez consecutivo para ser presidente da Venezuela, em 2012, Chávez venceu Capriles com 55,8% dos votos, porém não assumiu formalmente o mais alto cargo do executivo de seu país, devido ter que se ausentar da Venezuela enquanto fazia um tratamento médico em Cuba para tratar de um câncer. (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 08-09).

[...] Hugo Chávez, após passar por um longo período de tratamento para curar-se do câncer, acabou tendo a sua morte, aos 58 anos, anunciada pelo vice-presidente venezuelano, Nicolás Maduro, em 5 de março de 2013, em Caracas, às 16h25m locais, em decorrência de um câncer na região pélvica e de uma infecção respiratória aguda. (PEREIRA, 2014, p. 09).

Em 2012, antes de se ausentar para seu tratamento contra o câncer em Cuba, Chávez deixou Nicolás Maduro como seu sucessor para assumir a Venezuela. Deste modo, Maduro assumiu o cargo da presidência como presidente interino; mas a oposição não aceitou alegando que tal medida é inconstitucional, pois Chávez não havia tomado posse de seu mandato de 2012, e de acordo com a “Carta Política” da Venezuela, quem deveria assumir de forma interina o país era Diosdado Cabello, o presidente da Assembleia Nacional, porém o mesmo aceitou o pedido de Chávez, que antes de morrer havia indicado Maduro como seu sucessor. A oposição temendo a tudo isso sabiam, que era óbvio, que a Assembleia Nacional presidida pelo chavista Diosdado Cabello iria reconhecer Maduro como presidente interino, então buscaram pela impugnação da posse de Maduro perante a justiça, mas tal ação fracassou, pois se considerou que houve a continuidade administrativa de seus dois mandatos, apesar de Chávez não ter tomado posse do governo em 2012. (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 08-09).

A vitória de Maduro nas urnas, em abril de 2013, inaugura um governo marcado por turbulências, dando continuidade ao governo chavista, iniciado com Hugo Chávez em 1999.

A vitória de Maduro no cenário mundial foi recebida com controvérsias: enquanto os países com aproximação ideológica à bolivariana reconheceram prontamente as

eleições, os outros que adotam uma perspectiva neoliberal evitaram parabenizá-lo. (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 09).

Já a oposição, representada pela MUD (Mesa de Unidade Democrática), se recusou a aceitar os resultados das eleições alegando que esta foi ilegítima e fraudulenta, pois o resultado poderia muito bem ter sido tendencioso, uma vez que o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) era composto por chavistas. A partir deste argumento da oposição, foi pedido pelos antichavistas a anulação da eleição, porém em uma auditoria em junho de 2013, o Conselho Nacional Eleitoral confirmou a vitória de Maduro sobre Capriles. (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 10).

Bastos e Obregón (2018), afirmam que o projeto de governo de Maduro:

[...] é a corroboração do traçado por Chávez em 2012, cujas metas principais são a continuidade da implantação do socialismo na Venezuela, o aumento da produção do petróleo, a erradicação da miséria e a criação de outros polos produtivos nacionalizados. Isso quer dizer que Maduro mantém uma postura conservadora em relação ao governo anterior, além de fundar seu capital político inteiramente na memória chavista. (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 10).

Porém as condições na Venezuela não são nada satisfatórias para a concretização de tais metas citadas acima, pois já em 2013 era nítido a “[...] escassez de produtos básicos de subsistência, crise no setor elétrico, inflação alta, desvalorização do câmbio e queda no PIB.” (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 10).

Apesar de as oscilações econômicas serem uma questão recorrente na história do país, desde 2014, foi intensificada na Venezuela a chamada “guerra econômica”, caracterizada, entre outros motivos: pela queda do preço do petróleo no mercado internacional, pela alta da inflação e por cortes feitos pelas grandes empresas no abastecimento de insumos não fornecidos pelo Estado, como alimentos e medicamentos. Cerca de metade desses insumos básicos consumidos no país é de produtos importados; logo, a suspensão do seu ingresso ou a redução da sua oferta por sabotagens no abastecimento afeta de forma imediata e grave a situação de milhões de pessoas. Diante desse cenário, o governo Maduro reagiu decretando “estado de emergência”, em fevereiro de 2016 o que lhe atribui poderes especiais, porém não conseguiu reagir dando cabo de alguns problemas, inclusive de ordem humanitária, como a emigração, principalmente para países vizinhos, como o Brasil. (BELLO, 2019, p. 05).

De acordo com Mina e Lima (2018, p. 328), se deflagrou no bojo do governo Nicolás Maduro uma grave crise política e econômica, “[...] que tem sido reconhecida pela comunidade internacional como uma crise humanitária” (MILESI; COURRY; ROVERY; 2018, p. 53).

Para Bastos e Obregón (2018), as causas que desencadearam a crise na Venezuela foram três: “[...] a) a morte de Hugo Chávez em 2013; b) a queda do preço do barril de

petróleo em 2014 e; c) a estratégia chavista em relação à vitória da oposição nas eleições parlamentares de 2015.” (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 11).

Quando Bastos e Obregón (2018), apontam como uma das causas que desencadearam a crise na Venezuela, a morte de Chávez, não está se referindo a sua morte em si, mas sim um “chavismo sem Chávez”. A sua morte gerou impactos dentro e fora da Venezuela.

[...] pois, a força ideológica de seu discurso servia de parâmetro para os demais governos esquerdistas da América Latina. Assim, a ausência de sua figura emblemática na política interna e externa fez com que as forças centristas se organizassem para tentar ocupar o poder e consolidar sua ideologia.” (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p.11).

De acordo com Bastos e Obregón (2018, p. 12), Hugo Chávez era um líder de massas, que com sua oratória e seu carisma, recebia o apoio popular em seus discursos, por mais radicais que fossem, algo que Maduro não tem se revelado conseguir a ter.

Assim, com a morte de Chávez a Venezuela perde sua marca registrada e, mesmo com a ascensão de Maduro à Presidência essa lacuna não foi preenchida. [...] Por não apresentar as mesmas qualidades populistas de Chávez, Maduro teve que recorrer à Força Militar para garantir a manutenção do seu poder. Enquanto Chávez detinha o poder através das urnas, Maduro se apoia no Exército, o que, na opinião de muitos estudiosos, se mostra antidemocrático, autoritário e totalitário. (BASTOS; OBREGÓN, 2018, p. 12).

Ao que diz respeito ao segundo fator que desencadeou a crise venezuelana: a queda do preço do barril de petróleo em 2014, está relacionado com a dependência econômica na produção do petróleo venezuelano. Bastos e Obregón (2018), enfatizam

[...] que o preço do barril é condicionado pelo mercado mundial, uma vez que a principal destinação do produto na Venezuela é a exportação. Além disso, na Era Chávez, especificamente a partir de 2003, houve a nacionalização do petróleo, o que proporcionou a aplicação da arrecadação petroleira em programas sociais. No entanto, isso só foi possível, devido aos altos preços no mercado internacional. Logo, a distribuição da renda em políticas públicas depende do balanço comercial internacional e, este é influenciado por inúmeros fatos, o que condiciona o bem-estar social da Venezuela às variáveis econômicas do mercado mundial. [...] A crise se agravou em 2014, quando houve baixa no preço do petróleo e, assim a exportação diminuiu. (BASTOS; OBREGÓN, 2018, p. 12-13).

É preciso enfatizar ainda que a crise econômica na Venezuela, atinge diretamente as condições sociais do país, uma vez que “[...] a política adotada de dependência e nacionalização do petróleo pelo bolivarianismo condiciona os programas sociais à lucratividade da exploração do produto.” (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 13).

Com as eleições parlamentares no final de 2015, a oposição, representada pela MUD (Mesa de Unidade Democrática), conseguiu a maioria parlamentar; com tal resultado Nicolás

Maduro perdeu sua hegemonia no Legislativo, porém não no Executivo e Judiciário. (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p.14).

Na prática isso representou a rejeição de todas as propostas normativas submetidas pelo Executivo ao Parlamento, assim como a aprovação de várias leis contrárias ao posicionamento ideológico bolivariano. (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p.14).

O fato do judiciário venezuelano ser chavista fez com que fossem considerados fraudulentos alguns dos mandatos da oposição, porém a Assembleia Nacional não aceitou a decisão do judiciário, o que fez com que o mesmo declarasse estado de desobediência parlamentar, acentuando mais ainda a crise no país. (BASTOS; OBREGÓN, 2018, p. 14).

Para Bello (2019), há um comportamento político e ações constitucionais e não constitucionais que a oposição perante a Maduro utiliza para derrubá-lo, assim como houve com Hugo Chávez, no período em que foi presidente da Venezuela.

Assim como ocorria com Chávez, há uma dinâmica constante da oposição de direita de tentar derrubar o governo Maduro. Depois da tentativa frustrada de golpe militar contra Chávez, em 11 de abril de 2002, a oposição venezuelana de direita vem se comportando como suas primas latino-americanas [...], ou seja, busca derrubar governos democraticamente eleitos não mais pelo uso da força militar, mas através de canais institucionais em articulação com atores e espaços institucionais (Judiciário), não institucionais (mídia e mercado) e estrangeiros (governos de outros países e blocos comunitários). (BELLO, 2019, p. 03).

Se há na Venezuela uma constante mobilização da oposição tentando derrubar o governo madurista, “[...] adotando medidas que minam a estabilidade política e socioeconômica do país, a qual é aferida, entre outros por índices de popularidade e satisfação em relação ao governo, cada vez mais decrescentes.” (BELLO, 2019, p. 04).

A oposição representada pela MUD, em 2016 tentou extinguir o mandato de Maduro, por meio da convocação de um plebiscito utilizando do instrumento de participação popular para revogar o seu mandato, com base no Artigo 72 da Constituição de 1999 da República Bolivariana da Venezuela. Porém, como não conseguiram atingir o número mínimo de eleitorados, que era um dos requisitos da Constituição para revogar o mandato, O Conselho Nacional Eleitoral (CNE) então, extinguiu o processo. (BELLO, 2019, p. 04).

De acordo com Bello (2019, p. 04), apesar da oposição não ter conseguido êxito em sua investida para revogar o mandato de Nicolás Maduro em 2016, a partir do Artigo 72 da Constituição de 1999, ela não desiste. E em janeiro de 2017, invoca o Artigo 233 da Constituição, alegando que Maduro não estava cumprindo de forma adequada o seu mandato, uma vez que o mesmo, não estava dando conta de controlar a crise econômica, e por isso era

preciso destituir Maduro por abandono de cargo da presidência. Mais uma vez a oposição institucional, que tinha a maioria parlamentar na Assembleia Nacional (AN) desde de 2015, não obteve êxito, desta vez foi perante o Tribunal Supremo de Justiça (TSJ), que “[...] declarou que o Parlamento não tem poderes constitucionais para extinguir mandato presidencial.” (BELLO, 2019, p. 04).

De acordo com Marco (2017 apud BELLO, 2019, p. 04), “[...] o abandono de cargo não procede. O abandono é quando o presidente deixa de exercer sua função. Se ele a exerce mal ou inconstitucionalmente, não é abandono de cargo.”

Portanto se trata de um argumento subjetivo de uma maioria parlamentar de oposição para derrubar um presidente que lhe desagrada, idêntico ao invocado em 2016, quando da fundamentação do pedido de *impeachment* que levou ao afastamento de Dilma Rousseff da presidência do Brasil. A diferença é que o STF não interveio e consentiu com que o que pode ser considerado como golpe de Estado, articulado pelas searas jurídicas, parlamentar, midiática e empresarial. (BELLO, 2019, p. 04. Grifo do autor).

Em relação as vias não institucionalizadas utilizada pela oposição para derrubar Maduro, são:

[...] o empresariado e a imprensa são os principais vetores de ação da instabilidade política e socioeconômica no plano interno, que é alardeada no plano internacional mediante propagandas políticas midiáticas ostensivas, que projetam visões parciais como se fossem isentas e neutras. (BELLO, 2019, p. 04-05).

De acordo com Bello (2019, p. 06), Maduro também sofre com fortes oposições em âmbito Internacional, em relação ao pouco apoio que recebe internacionalmente.

No cenário internacional, o governo Maduro, atualmente, tem algum apoio e sofre forte oposição. Por um lado, possui apoio de países como Cuba, Bolívia e Rússia, e movimentos sociais transnacionais, como os da Alba Social (Aliança Bolivariana dos Povos de Nossa América). Por outro, tem forte oposição (i) na comunidade internacional, pela União Europeia e por governos de direita de países imperialistas (EUA) e colonizadores (Espanha e França); (ii) no plano latino-americano, por integrantes do Mercosul, que suspenderam a Venezuela da identidade em 5 de agosto de 2017, pela OEA e por países antes aliados ao chavismo, que agora são comandados por governadores conservadores (Argentina e Brasil), além do México e Colômbia, que retiraram seus embaixadores da Venezuela ou ameaçaram fazê-lo. Isto sem falar nas bravatas de apoio a intervenções militares estrangeiras no país. No Brasil, em específico, a grande mídia empresarial é uníssona ao tratar o governo Maduro como ditadura, enquanto lhe apoiam explicitamente movimentos sociais e partidos políticos como o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido dos Trabalhadores (PT). (BELLO, 2019, p. 06).

Já em 2018, Maduro convocou novas eleições presidenciais para tomar posse da presidência da Venezuela em 2019, conseguindo se reeleger novamente. (BELLO, 2019, p. 08). Porém a oposição contestou a vitória de Maduro, e em 2019 o presidente da Assembleia

Nacional (AN), Juan Guaidó se auto proclamou como presidente interino da Venezuela. Desde então, a Venezuela conta com dois presidentes, onde alguns países reconhecem Maduro como presidente da Venezuela, como por exemplo: a Rússia e a China, enquanto outros países como os EUA não reconhece Maduro como presidente, mas sim Juan Guaidó como presidente interino.

Para Bastos e Obregón (2018, p. 14), “[...] o país não conta com condições algumas de governabilidade, estando altamente polarizado, com baixos índices socioeconômico e altas taxas de criminalidade e violência institucionalizada.” Diante disso tudo, milhares de venezuelanos vem deixando seu país, desde de que, a crise começou em 2013, na esperança de uma vida melhor ou até mesmo preservá-la, exemplo disso são as migrações venezuelanas para o Brasil. No próximo capítulo trataremos dos imigrantes venezuelanos no Brasil, a partir dos conceitos: de migração internacional, fronteira e xenofobia.

## CAPÍTULO 2: MIGRAÇÃO FORÇADA, FRONTEIRA E XENOFOBIA

Conforme coloca a autora Suzane Caroline Gil Frutuoso (2018), o período em que se estende entre o início do século XIX e o final do século XX, desembarcaram no Brasil cerca de 5 milhões de estrangeiros, que viam aqui a oportunidade para refazerem suas vidas uma vez que, estavam fugindo

[...] das guerras e de suas conseqüências, como pobreza, fome e doenças. Parte considerável deles chegou ao país como mão de obra para as fazendas de café, especialmente no interior do Estado de São Paulo. (GIL FRUTUOSO, 2018, p.163).

Ainda de acordo com esta autora, a partir da década de 80, este cenário de fluxo de migração muda e, ao invés do Brasil receber imigrantes ele passa a exportar imigrantes diante dos problemas causados na economia, tal período ficou conhecido como a “Década Perdida”.

Oscilações da economia, hiperinflação, remarcações e mudanças diárias nos preços, salários baixos, desemprego, informalidade, reformas monetárias fracassadas, dívida externa em expansão com as altas taxas de juros internacionais formavam o cenário da época. Estocar comida para driblar valores abusivos se tornou um hábito – como muitos atualmente são obrigados a fazer na Venezuela. (GIL FRUTUOSO, 2018, p. 164).

No final do século XX e início do século XXI, muitos brasileiros cruzaram a fronteira do Brasil e foram em busca de empregos em outros países como o Estados Unidos da América, Portugal, Espanha e Japão, na esperança de dar uma melhor condição de vida para a família no Brasil (GIL FRUTUOSO, 2018). É comum no Brasil nos depararmos com pessoas que já foram para “o mundo lá fora”, ouviremos relatos de como foram suas vidas fora de seu país, e notarmos que não é fácil viver em um lugar “estranho a nós”, com outra cultura, outra língua; muitos são discriminados pela sua origem nacional.

Muitos imigrantes brasileiros conseguiram empregos em países da Europa e nos EUA, quando estes países estavam passando por um período próspero com grandes demandas de mão de obra; mas com a Crise Internacional de 2008, que atingiu a Europa muitos imigrantes tiveram que voltar para seu país de origem. Já ingressar nos EUA e permanecer nele havia ficado difícil depois ao ataque do 11 de setembro de 2001 as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York. Agora novamente nestes últimos anos o Brasil voltou a receber fluxos significativos de estrangeiros (GIL FRUTUOSO, 2018).

O Brasil passa por um momento singular no que diz respeito as migrações internacionais. A crise econômica iniciada no ano de 2007 nos Estados Unidos e agravada em 2008 afetou de forma substancial a Europa e o Japão e introduziu uma



maior complexidade nos eixos de deslocamento das migrações sul-americanas, especialmente no Brasil. Importante destacar que o Brasil ainda não recebe uma quantidade tão expressiva de estrangeiros, como países da Europa e Estados Unidos. Foi, porém, crescente o contingente de imigrantes e refugiados que afluiu ao país nos últimos anos requerendo uma maior atenção tanto de autoridades como de toda a sociedade brasileira. (BOGUS; FABIANO, 2015, p. 130).

Atualmente a Venezuela passa por uma crise política, econômica e social, e muitos venezuelanos buscam aqui no Brasil refazerem suas vidas e tentar ajudar a família que ficou para trás. Apesar do Brasil ser vizinho da Venezuela, é um dos que menos recebem imigrantes e refugiados venezuelanos. Entre os países latino-americanos que mais recebem são: Colômbia com mais de 1,1 milhão; seguido do Peru com 506 mil; do Chile com 288 mil; Equador com 221 mil; Argentina com 130 mil; e Brasil com 96 mil. (ONU BR, 2019).

De acordo com a autora Gil Frutuoso a maioria dos venezuelanos que vem atualmente para o Brasil, chegam por via terrestre, principalmente a pé, cruzando a fronteira entre Venezuela-Brasil, sendo a cidade de Pacaraima no estado de Roraima a principal via de acesso de venezuelanos ao nosso país, por fazer fronteira com a cidade Santa Elena de Uáiren na Venezuela, apresentando um intenso fluxo migratório. Nas palavras de Gil Frutuoso,

Tal intenso fluxo migratório, combinado com mais um período de incertezas econômicas no Brasil, fez surgir entre a população de Roraima, um dos mais pobres estados brasileiros, sentimentos xenófobos. O mesmo preconceito, carregado por uma mistura de medo, estranhamento e discurso de ódio, que muitos brasileiros enfrentaram quando também eles foram migrantes no exterior. (GIL FRUTUOSO, 2018, p. 162).

Contudo, para aprofundarmos mais a respeito da xenofobia contra a diáspora venezuelana no Brasil, é necessário entendermos o que é a migração internacional, os tipos de migração, como a migração venezuelana pode ser pensada, quais as implicações das fronteiras para os deslocamentos das pessoas, por isso que nos próximos tópicos faremos uma abordagem conceitual de migração internacional, fronteira e xenofobia.

### **1.1. Migração Internacional**

Carlos Nolasco (2016), em sua obra intitulada como *Migrações internacionais: conceitos, tipologias e teorias*, problematiza a dificuldade de encontrar uma definição genérica de migração internacional uma vez que, segundo este autor, tal definição pode trazer “[...] várias possibilidades conceituais e aos critérios mais frequentes na categorização dos movimentos migratórios, bem como uma diversidade de critérios tipológicos.” (NOLASCO, 2016, p. 02).

No que diz respeito a definição de migração, Nolasco (2016, p. 02), afirma que, tal definição não é exclusiva e nem consensual, devido as migrações se apresentarem maleáveis.

A maleabilidade conceitual de “migrações” varia num intervalo entre dois extremos dicotômicos, em que num dos lados a definição é tão ampla que inclui todas as formas de mobilidade, e no outro, pelo contrário, é tão restrita que exclui da conceção determinados movimentos. (NOLASCO, 2016, p. 02).

A obra de Nolasco (2016), nos oferece uma discussão em torno do que vem a ser migração, apresentando a ideia de vários autores a respeito da definição de migração, mas não iremos mostrá-las aqui, pois não é o foco do nosso trabalho; porém é necessário destacar a observação feita por esse autor, uma vez que ele diz que,

A maioria das definições faz referência a um conjunto de aspetos que consideram as migrações como a deslocação de seres humanos no espaço e tempo que, percorrendo pequenas ou grandes distâncias, no decorrer de um curto ou longo período de tempo, mudam de residência. (NOLASCO, 2016, p. 03).

Nolasco (2016), aborda a distinção entre migração interna e migração internacional por meio da variável espacial, assim

[...] tendo em consideração a dimensão espacial, estaremos a referir-nos a migrações internas se a mobilidade ocorrer dentro de um mesmo Estado, e a migrações internacionais se a mobilidade implicar a transposição de fronteiras políticas e administrativas de países. (NOLASCO, 2016, p. 09).

Sabemos que a migração não é um fenômeno recente, mas sim que acompanhou toda a história da humanidade. Os motivos para sair de um lugar e migrar para outro são diversos. Corrêa, Nepomuceno, Mattos e Miranda (2015, p. 221-222), apontam para a classificação básica das migrações internacionais atuais em: migração espontânea e migração forçada.

De acordo com Jarochinski Silva e Abrahão (2018, p. 644), a “migração voluntária é aquela em que a decisão de migrar é espontânea sem influência de fatores externos, como perseguição política, discriminação, etc.” Enquanto que as migrações forçadas “[...] são aquelas cuja motivação migratória decorreu de fatores externos, inexistindo ou estando o elemento volitivo submisso. [...] Ou seja, é o gênero da migração sem espontaneidade”. (JAROCHINSKI SILVA; ABRAHÃO, 2018, p. 655).

No presente trabalho nos interessa a migração internacional, tendo como foco as migrações forçadas, onde daremos ênfase, uma vez que o atual momento aponta para uma migração forçada de venezuelanos para o Brasil.

O incremento no número de migrantes de origem venezuelana gerou a celeuma sob qual instituto, ou enquadramento jurídico, seria o mais adequado para a realidade desta migração. Dentre as opções temos a migração voluntária, asilo e refúgio.

Entretanto, pelas características apresentadas pelo fluxo, a melhor forma de categorização, mas sem uma matriz jurídica adequada para isso, é a da migração forçada. (JAROCHINSKI SILVA; ABRAHÃO, 2018, p. 644).

Apesar da categorização de migrante forçado melhor qualificar a migração de venezuelanos para o Brasil, neste atual momento de Crise humanitária na Venezuela, os autores Jarochinski Silva e Abrahão (2018), apresentam dados em que prevalece um maior número de ingresso de migrantes voluntários venezuelanos do que de refugiados. Precisamos ressaltar que tais dados são de 2016, período anterior a iniciativas de medidas mais satisfatórias do Governo Federal, buscando atender e acolher migrantes em situação de vulnerabilidade, além de facilitar o reconhecimento do migrante venezuelano como refugiado, como por exemplo a nova lei de migração brasileira, a Lei de Migração 13.445/2017.

No que diz respeito a migração voluntária, Jarochinski Silva e Abrahão (2018, p. 644), mostram que a Lei 6.815/1980, que foi revogada pela nova Lei de Migração 13.445/2017, diz que

Logo no artigo 4º, a lei prevê os tipos de vistos disponíveis no Brasil para os migrantes voluntários: I - de trânsito; II de turista; III - temporário; IV - permanente; V - de cortesia; VI - oficial; e VII - diplomático. (JAROCHINSKI SILVA; ABRAHÃO, 2018, p. 644-645).

Os autores Jarochinski Silva e Abrahão (2018, p. 645), afirmam que pessoas que optam por entrar no Brasil por meio da migração espontânea devem escolher um dos tipos de vistos, citados acima, ressaltando que este tipo de migração “[...] não gera direito ao imigrante.” (JAROCHINSKI SILVA; ABRAHÃO, 2018, p. 645.). Estes autores apresentam os dados oficiais da Polícia Federal em relação à migração voluntária de venezuelanos para o estado de Roraima em 2016, assim como o número de pedidos de refúgio, apontando que se predominou a migração por espontaneidade, com 55965 migrantes voluntários venezuelanos, contra os 2.229 pedidos de refúgio por venezuelanos.(JAROCHINSKI SILVA; ABRAHÃO, 2018, p. 645).

Deduz-se, pelos dados oficiais, que a imensa maioria de Venezuelanos com entrada no Estado de Roraima representa migração voluntária com visto de turista, sendo apenas pequena a parcela de migrantes que se socorrem ao refúgio, e menor ainda os migrantes voluntários que utilizam de outros tipos de vistos, como o permanente e o temporário para trabalho, para ingressarem em solo nacional. Quando comparamos com o saldo migratório de Venezuelanos, podemos afirmar que a maior parcela desses Venezuelanos se encontra em situação irregular. (JAROCHINSKI SILVA; ABRAHÃO, 2018, p. 646).

Jarochinski Silva e Abrahão (2018, p. 647) ressaltam que, “[...] boa parte dos nacionais da Venezuela ingressa em território nacional objetivando a subsistência e não o turismo como são classificados no momento de ingresso em solo nacional.” Assim deste modo, concordamos com estes autores que consideram como um equívoco a identificação da migração venezuelana como espontânea, uma vez que “[...] não retrata a atual situação dos Venezuelanos.” (JAROCHINSKI SILVA; ABRAHÃO, 2018, p. 648).

Em *Os desafios de proteção aos refugiados e migrantes forçados no marco de Cartagena + 30*, os autores Liliana Lyra Jubilut e André de Lima Madureira, chamam atenção para a migração forçada, que é:

[...] um fenômeno que afeta um número cada vez maior de pessoas. Apesar de não haver dados numéricos consolidados e sistematizados estima-se que existam 51,2 milhões de pessoas deslocadas em função de violência e/ou perseguição, e sabe-se que a estimativa da Universidade das Nações Unidas de 50 milhões de deslocados ambientais até 2010 já foi confirmada. *Mas, apesar desses números verifica-se na prática a inexistência de regimes jurídicos estabelecidos para assegurar proteção integral a grande parte dessas pessoas.* (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 12. Grifo nosso).

De acordo com Jubilut e Madureira (2014), mesmo existindo um número significativo de migrantes forçados, em todo o mundo, que necessitem de proteção internacional, se percebe, “[...] na prática, o único regime de proteção efetivamente existente atualmente é o Direito Internacional dos Refugiados.” (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 12).

Durante a Convenção Relativa ao Status dos Refugiados de 1951, de acordo com Jubilut e Madureira (2014), foi conceituado de modo universal o instituto do refúgio.

A partir da definição universal é considerado refugiado o indivíduo que tenha bem-fundado temor de perseguição em virtude de sua raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a certo grupo social que esteja fora de seu território de origem (extraterritorialidade), que necessite de proteção internacional (ou seja, que não se enquadre nas cláusulas de cessação também definidas pela Convenção de 51, e que não conte com outras formas de proteção internacional), e que mereça a proteção internacional (isto é, que não venha a ser incluído nas cláusulas de exclusão definidas pela Convenção de 51). (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 14).

De acordo com Jubilut e Madureira (2014) e Corrêa, Nepomuceno, Mattos e Miranda (2015), houve depois em 1967, um estabelecimento do Protocolo sobre Status de Refugiado, que ficou conhecido como Protocolo de 67, onde retirou as limitações geográficas e temporárias, fazendo com que o instituto do refúgio se tornasse universal; porém estes autores afirmam que ainda assim, não se pode negar a limitação conceitual do refúgio. Além disso,

mesmo após o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados terem estabelecido um Manual de Procedimentos e Critérios a Aplicar para Determinar a Condição de Refugiado em 1979, não resolveu os desafios para proteger refugiados e migrantes forçados. Com isso temos um cenário preocupante, uma vez que

O desafio de proteção aos migrantes forçados não protegidos pelo Direito Internacional dos Refugiados impacta não somente sua própria proteção como também a dos refugiados e solicitantes de refúgio. Isso porque, em sendo a única forma obrigatória de proteção em caso de migração forçada, o instituto do Refúgio passa a ser acionado em situações em que, pelo seus limites conceituais, não seria possível aplicá-lo. [...] Em face dessa dificuldade, e enquanto não se avança universalmente, "um caminho alternativo que pode levar a novos avanços é um foco no regionalismo". Nesse sentido, a América Latina tem se colocado na vanguarda mundial, sobretudo a partir dos avanços protetivos no contexto da Declaração de Cartagena e de seus processos revisionais. (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p.17-18).

De lá para cá, órgãos Internacionais envolvidos em direitos humanos e migração vem se reunindo, debatendo e refletindo os embates que vão surgindo em volta do tema, para conseguir atender um número maior de pessoas que solicitam proteção internacional. Destes debates que resultou a Declaração de Cartagena sobre refugiados em 1984, quando na América Latina havia subido o número de pessoas solicitando refúgio, principalmente durante a década de 1970, após surgir diversos regimes ditatoriais na América Latina. (JUBILUT e MADUREIRA, 2014, p. 18).

Com o documento de Cartagena se ampliou o conceito de refugiado na América Latina, “[...] que passou a contar com a grave e generalizada violação dos direitos humanos como um de seus elementos caracterizadores.” (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 15-16.).

De acordo com Jubilit e Madureira (2014), a Declaração de Cartagena trouxe grandes avanços para a América Latina, no que diz respeito à proteção de migração forçada, uma vez que “[...] têm como objetivo impor avanços à proteção dos refugiados na região, inclusive modificando os padrões universais quando necessário.” (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 19). Vale ressaltar que o Estatuto dos Refugiados, como é conhecida

A Lei brasileira 9.474 de 1997 foi criada sob o espírito da Declaração de Cartagena. Além de reconhecer como refugiado os que sofrem perseguição, seja ela por motivos de raça, opinião política, religião grupo social ou nacionalidade, a Lei reconhece como refugiados todos aqueles que se encontravam em um território marcado por situação de grave generalizada violação dos Direitos Humanos. (CORRÊA; NEPOMUCENO; MATTOS; MIRANDA, 2015, p. 223).

Dentre as dezessete conclusões da Declaração de Cartagena 1984,

[...] é essencial frisar a terceira conclusão, que apresenta a transformação mais significativa trazida pelo documento. Com efeito, a inclusão da grave e generalizada violação dos direitos humanos como motivo capaz de ensejar o reconhecimento da condição de refugiado foi a mais importante modificação conferida pela Declaração de Cartagena. Essa inclusão aumentou as possibilidades de uma pessoa ser reconhecida como refugiada, sendo influenciada pelo contexto de crise existente na América Central. Assim, conclui-se que o documento relaciona-se diretamente com o período histórico vivido pela região à época de sua elaboração. (JUBILUT e MADUREIRA, 2014, p. 19).

O documento denominado Declaração de Cartagena é resultado de “[...] um colóquio acadêmico na cidade de Cartagena das Índias, na Colômbia, em 1984.” (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 19). Nesse encontro ficou definido que haveria processos revisionais, de reuniões de dez em dez anos. Desses processos revisionais da Declaração de Cartagena resultaram: a Declaração de San José, que aconteceu na cidade de San José, na Costa Rica em 1994, onde foi adotada a Declaração sobre Refugiados e Deslocados Internos; na Cidade do México em 2004, a fim de se combater os problemas enfrentados pelos refugiados e deslocados internos na América Latina, se adotou a Declaração e o Plano de Ação do México (PAM). (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 23-24.)

Infelizmente, apesar dos avanços que tivemos na América Latina no que tange ao tema das migrações forçadas e o refúgio, os problemas e os desafios ainda existem para aqueles que são refugiados, solicitantes de refúgio e principalmente para aos que não se enquadram na categoria de refugiado, mas que precisam de ajuda humanitária, como é o caso da migração venezuelana para o Brasil.

A Venezuela vivencia uma crise humanitária que tem gerado consequências nefastas para grande parte de sua população. Uma delas, sem dúvida, é o deslocamento forçado para outros países, como é o caso do Brasil. A diáspora venezuelana, que se iniciou em 2015, mas que chegou a números alarmantes em 2017, exige providências por parte do Estado brasileiro, notadamente para garantir os direitos humanos dos imigrantes vulneráveis. (MOREIRA, 2018, p.394).

Moreira (2018, p. 397) diz que, “[...] a situação dos migrantes venezuelanos que se encontram em território brasileiro, principalmente em Roraima, vem sendo, inicialmente, regulada de modo semelhante ao que ocorreu com a diáspora haitiana.”

No que diz respeito a imigração haitiana para o Brasil a partir de 2010, após terremoto que casou a morte de milhares de pessoas

O Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) não tem encontrado base legal na lei de refúgio brasileira para garantir proteção aos haitianos. Então de acordo com a Resolução nº 8/06 do Conselho Nacional de Imigração, *eles receberam uma solução excepcional, geralmente adotada para os casos que precisam de proteção humanitária.* (CORRÊA; NEPOMUCENO; MATTOS; MIRANDA, 2015, p. 231. Grifo nosso).

De acordo com Simões (2018), o número de solicitação de refúgio registrado pela Polícia Federal, mostra que “o número de solicitações de refúgio venezuelano em Roraima passou de 280 em 2015, para 2312 em 2016 e alcançou em 2017, 17130 pedidos.” (SIMÕES, 2018, p. 386). Ou seja, o número só vem aumentando, chegando a aumentar mais de 700% o número de solicitação de refúgio de 2016 para 2017, sendo que só “[...] nos primeiros meses de 2018, os pedidos de solicitação de refúgio equivalem a todos os que foram efetuados em 2017.” (SIMÕES, 2018, p. 386).

Simões (2018), além de mostrar o crescimento na taxa de solicitações de refúgio por imigrantes venezuelanos para o Brasil desde de 2015, também traz o perfil destes imigrantes e aponta para uma mudança de perfil no final de 2017 e início de 2018, quando se tornou mais visível, por exemplo nas ruas de Pacaraima e Boa Vista um maior número de imigrantes venezuelanos em Roraima em estado de vulnerabilidade. “Hoje existem muitos habitando as ruas e o trajeto entre Pacaraima e Boa vista realizada anteriormente em ônibus ou carro, hoje é feito a pé.” (SIMÕES, 2018, p. 392).

As características sociodemográficas desses imigrantes indicavam um perfil jovem, com idade para trabalhar, do sexo masculino, solteiro e de boa escolaridade. Além disso, as condições em que viviam em Boa Vista mostrava que não se encontravam miseráveis a grande maioria desses imigrantes. A partir de finais de 2017 e em 2018, com a chegada de um número maior de imigrantes, as condições migratórias dessas pessoas indicam uma mudança do perfil dos venezuelanos no Brasil. Essa mudança pode ser explicada por uma deteriorização das condições sócioeconômicas da Venezuela ou por uma mudança de perfil sociodemográfico. (SIMÕES, 2018, p. 392).

Para Simões (2018, p. 392), o aumento do número de ações xenofóbicas contra os venezuelanos está relacionado ao aumento da taxa de imigrantes chegando em Roraima ligado a mudança do perfil social desses imigrantes que chegam todos os dias pela fronteira entre a Venezuela e o Brasil. Assim sendo, precisamos entender as implicações que a fronteira pode acrescentar diante desse cenário hostil antes de falarmos da xenofobia contra esses imigrantes.

## **1.2. Fronteira**

De acordo com Ferrari (2014, p. 03), “a origem do termo fronteira, como seus correspondentes na língua espanhola (frontera), na francesa (frontière) e na inglesa (frontier) derivam do antigo latim para indicar parte do território situado em frente.”

Buscando pelo conceito de fronteira encontramos em Ferrari (2014), a história do conceito de fronteira. A autora afirma buscar em Martin (1997),

[...] a ideia de que o estudo das fronteiras, no tempo, torna-se mais fácil tomando-se por base a divisão geralmente aceita entre Pré-história, Antiguidade, Idade Média e Modernidade, ainda que esteja centrado numa visão mais eurocêntrica, pois é a partir da Europa que a ideia de propriedade privada se difunde, ou na “evolução das formas de propriedade,” a qual implica o aparecimento de fronteiras. (MARTIN, 1997 apud FERRARI, 2014, p. 04).

Durante o período da pré-história, o uso da terra era comum a todos, não se tinha a separação entre propriedade particular e pública. O povo vivia da caça de animais e da coleta de frutos. (FERRARI, 2014, p. 04-05).

Sem técnicas avançadas de produção, mudavam-se constantemente em busca de alimentos, o que tornava a definição da fronteira muito flexível. Embora não houvesse uma apropriação territorial particular e sim coletiva, cada grupo ou tribo procurava defender sua apropriação contra possíveis invasores, mesmo que temporariamente. Sua forma de expressar a territorialidade estava ligada à crença de cada grupo tribal. Deste modo, a fronteira se funda com uma noção sagrada, isto é, era vista segundo as crenças de cada grupo ou expressa pela religiosidade. (FERRARI, 2014, p. 05).

Já na Antiguidade a noção de fronteira, além de ter um caráter religioso, tinha também um “[...] caráter de rigidez, observando-se o início do processo de estabilização da fronteira.” (FERRARI, 2014, p. 06).

Nessa fase inicia-se um processo de centralização do poder e de expansão territorial, descaracterizando a propriedade coletiva da terra. Caracteriza esta fase o império Chinês, a expansão do império Romano e a construção do império Inca. (ALVES DA SILVA, 2012, p. 22).

As autoras Ferrari (2014) e Alves da Silva (2012), ambas destacam que, conforme o tempo e a sociedade o conceito ou a noção de fronteira sofre mudança de significação. Deste modo se nota que “[...] no processo de configuração e domínio do espaço territorial, em tempos e sociedades diferentes, as fronteiras foram incorporando novos significados, passando de mítico, religioso, para político administrativo.” (FERRARI, 2014, p. 09). E durante a Idade Média, isso não foi diferente, pois

A característica que marca os princípios originais de fronteira na Europa medieval, não foi nem os laços de parentesco nem a territorialidade, mas no próprio sistema feudal, já que ele atribuía aos próprios feudos uma natureza hereditária e territorial que ia além dos domínios territoriais dos reinos e impérios, abalando, em linhas gerais, o poder dos reis no sistema de monarquia feudal. (ALVES DA SILVA, 2012, p. 23).

Para Ferrari (2014), o conceito de fronteira no período medieval na Europa, “[...] já apresentava características de um processo em curso de linearização com a formação



embrionária de pequenos Estados.” (FERRARI, 2014, p. 09). Isso se deu durante o Renascimento com “[...] os progressos alcançados pelas matemáticas, astronomia dos conhecimentos obtidos com as viagens, permitindo um avanço cartográfico extraordinário.” (ALVES DA SILVA, 2012, p. 23).

Com o advento dos Estados modernos é que a fronteira aparece como limite de soberania.[...] Marcado pelo que se convencionou chamar de *Paz de Westphalia*, as fronteiras dos Estados começaram a se tornar mais claras e mostrar uma expressão absoluta de soberania. (SILVA, 2008, p. 08. Grifo do autor).

Alves da Silva (2012, p. 24), explica que em relação ao Tratado de Westfália existe um consenso em considerá-lo “[...] como marco inicial na constituição de um sistema moderno de fronteiras na Europa Ocidental [...].” Tal tratado foi assinado em 1648, e nele

[...] Foram fixados os princípios normativos centrais - territorialidade, soberania, autonomia e legalidade - configurando um sistema internacional de estados, cujas relações entre eles ficam submetidas ao direito internacional, desde que cada um consinta, já que não há autoridade legal para além do estado capaz de impor obrigações legais a ele ou a seus cidadãos." (ALVES DA SILVA, 2012, p. 24).

O conceito que nos interessa aqui, é um conceito moderno recente de fronteira que nos ajude a pensar a fronteira entre Brasil e Venezuela, por isso que utilizaremos a definição que Santos e Rückert (2013) utiliza para fronteira em *Territorialidade de fronteira: uma contribuição ao estudo da questão fronteiriça no contexto do Mercosul*.

O conceito de fronteira remete à ideia de limite, resultante da afirmação da soberania de um Estado sobre um determinado espaço. Portanto, são os limites político-geográficos que conformam os territórios nacionais, dentro dos quais se organizam os diversos aspectos da vida social e do Estado. (SANTOS; RÜCKERT, 2013, p. 300).

De acordo com Silva (2008, p. 08), “na esteira da definição e papel da fronteira política, encontra-se outras duas noções: zona de fronteira e faixa de fronteira.” Ferrari (2014) coloca que,

A zona de fronteira internacional é aqui entendida como espaço que emerge do limite institucionalizado; ela se encontra na confluência entre dois territórios nacionais porém, ao invés da ideia clássica de divisão entre dois grupos, que se constrói na relação da identidade/alteridade, a zona de fronteira remete a ideia de ligação entre os territórios, e para apreendê-la é necessário abandonar o conceito clássico de território e considerar o conjunto territorial de ambos os lados do limite, pois se trata de outra territorialidade que submetida à fronteira linha vai reconfigurar o espaço territorial dividido. (FERRARI, 2014, p. 22).

Santos e Rückert (2013, p. 303) explicam que em relação a faixa de fronteira pode se dizer que se vincula aos limites do território do estado, se tratando “[...] de uma extensão maior em relação a anterior (zona de fronteira), mas seu papel é restrito a cada Estado-Nação [...].” (SILVA, 2008, p. 09).

Alves da Silva (2012), afirma que, se pode classificar a fronteiras que separam sociedades diferentes em dois tipos: a fronteira natural e a fronteira artificial. De acordo com Alves da Silva (2012, p. 24), a fronteira natural “[...] é aquela onde a linha divisória acompanha os acidentes naturais, não existindo a presença de marcos assinalados e colocados pelos homens.” Portanto, conforme a autora Alves da Silva (2012), para ser considerada uma fronteira natural é preciso haver “obstáculos naturais” que impeçam ou dificulte o contato entre pessoas de nacionalidades diferentes, no caso de fronteira internacional; porém, se tais obstáculos não forem naturais mas, resultado da ação do homem, então será artificial.

Aqui nesta pesquisa nos interessamos pela fronteira Brasil-Venezuela e, Alves da Silva (2012), em sua Dissertação de Mestrado apresenta um estudo aprofundado da formação da fronteira Brasil/Venezuela, partindo das fronteiras luso-hispânicas na América do Sul até a atual configuração desta fronteira, mostrando que,

A compreensão da origem desse fluxo de relações que hoje se processa no âmbito fronteiriço Brasil/Venezuela perpassa pelo entendimento da formação das fronteiras interpaíses na América do Sul, surgidas como resultado do processo colonizador europeu, no século XVI. Duas nações, principalmente, Espanha e Portugal são os protagonistas desse processo que resultou na demarcação da primeira fronteira no continente americano do sul, representada pelo Tratado de Tordesilhas. (ALVES DA SILVA, 2012, p. 26).

O Tratado de Tordesilhas foi assinado em 1494 entre Espanha e Portugal dividindo “[...] as terras que apareciam a cada nova viagem por um meridiano situado a 370 léguas das ilhas do Cabo Verde.” (ALVES DA SILVA, 2012, p. 26). Porém, em 1750 surgiu um novo tratado, o Tratado de Madri, pois o Tratado de Tordesilhas

[...] não dava conta de solucionar o problema das ocupações ocorridas durante dois séculos e meio de vida colonial, surgindo assim o Tratado de Madri baseado no princípio do *Uti Posseditis* como regulador das disputas de terras entre os hispânicos e lusos. (ALVES DA SILVA, 2012, p. 27. Grifo da autora).

A delimitação dos contornos aproximados do Brasil atualmente veio a partir do Tratado de Madri, com “[...] o princípio do direito privado romano do *Uti Possidetis*, disciplinando que a posse de fato à terra, deveria ser direito de quem a tivesse possuído em primeiro plano.” (ALVES DA SILVA, 2012, p. 28. Grifo da autora). Alves da Silva (2012, p. 32), acrescenta que “[...] a fronteira Brasil-Venezuela foi definida no Tratado de Caracas de 1859, e com o Tratado do Rio de Janeiro em 1928.”

Como vimos anteriormente com Ferrari (2014, p. 22), na zona de fronteira que separam dois territórios ocorre contato e até mesmo relações sociais no cotidiano da população fronteiriça, principalmente nas cidades-gêmeas, como é o caso da cidade de

Pacaraima, no estado de Roraima (Brasil), com a cidade Santa Elena de Uiarén, no estado Bolívar (Venezuela). “Dentro da zona de fronteira, são as cidades-gêmeas as áreas de maior apelo no processo de interação intrafonteiriça, de forma que ali a territorialidade é bastante significativa.” (SANTOS; RÜCKERT, 2013, p. 303).

De acordo com Alves da Silva (2012, p. 42) em relação a fronteira Brasil-Venezuela, a cidade fronteiriça de “Pacaraima é um espaço localizado ao norte do estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela.” Enquanto que, Santa Elena de Uiarén se localiza no sudeste da Venezuela, no estado de Bolívar, tal cidade “[...] está cerca de 15 Km de fronteiras com o Brasil, defrontando-se com Município de Pacaraima, no estado de Roraima.” (ALVES DA SILVA, 2012, p. 44).

Pacaraima e Santa Elena de Uiarén, se tratam de cidades-gêmeas por fazerem divisas entre dois territórios, mas que devido a sua proximidade ocorre o contato entre as duas populações (ALVES DA SILVA, 2012). Além disso, a autora fala ainda da

[...] infraestrutura de acesso à cidade de Pacaraima se dá pela rodovia federal BR-174, pavimentada e em bom estado de conservação. Há serviço regular de linha de ônibus para o município a partir de Boa Vista, tanto até Pacaraima como até Santa Elena de Uairén e demais cidades da Venezuela, além de serviços de transportadores autônomos (Cooperativa de Táxi) que perfazem o percurso diariamente. (ALVES DA SILVA, 2012, p. 43).

Com a Crise na Venezuela começa a ocorrer um maior fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil, tendo como porta de entrada a cidade de Pacaraima, permanecendo muitos ali, e também indo em direção a Boa Vista, capital de Roraima, que é bem próxima de Pacaraima. Atualmente, se nota que muitos roraimenses veem com hostilidade a presença de venezuelanos em Roraima. Assim sendo ressaltamos que,

As fronteiras aparecem como tema relevante quando procuramos refletir sobre as profundas transformações em curso, em nível mundial, uma vez que constituem espaços particularmente sensíveis, relativamente às repercussões que esses novos processos alcançam em termos de suas dimensões locais. Ao mesmo tempo em que se flexibilizam para aumentar a rapidez dos fluxos populacionais, em especial das *migrações de lugares pobres para lugares ricos, aumentando a tensão entre os povos, num crescendo de conflitos, que se expressam fundamentalmente através das diferenças raciais, religiosas e culturais.* (SANTOS; RÜCKERT, 2013, p. 300. Grifo nosso).

A noção de fronteira agregou ao longo do tempo novas significações conforme a época e sociedade, porém resguardando a ideia de separação; de desconfiança; de ter que se proteger em relação ao outro que nos é diferente. Assim sendo, veremos adiante a noção de xenofobia.

### 1.3. Xenofobia

De acordo com Cecília De La Garza (2011), Xenofobia é um termo de origem grega, *Xenos* (estrangeiro) e *phóbos* (medo). Assim para esta autora, “a xenofobia é uma **ideologia** que consiste na rejeição das identidades culturais que são diferentes da própria.” (DE LA GARZA, 2011, p. 86. GRIFO DA AUTORA).

A xenofobia é a rejeição expressa através de preconceitos contra todo e qualquer estrangeiro, tendo em conta que os preconceitos são convicções sem fundamento, com desconhecimento dos factos, que desencadeiam facilmente a discriminação. É consensual reconhecer que o tema da discriminação não se restringe à questão dos estrangeiros. *Se existe discriminação racial, de sexo ou de idade, convém salientar contudo que o estrangeiro, para além de ser vítima potencial de preconceitos devido ao seu lugar de origem, pode sê-lo também pela sua condição social.* (DE LA GARZA, 2011, p.87. GRIFO NOSSO).

Cleide Aparecida Vitorino e William Rosa Miranda Vitorino (2018), explicam que,

O preconceito pode ser compreendido como a exteriorização de pré concepções e/ou percepções da realidade equivocadas e distorcidas em relação a determinados aspectos sociais, económicos, culturais, étnicos, e que normalmente possuem como destinatários outrem com traços personalidade, visão de mundo diversos do transmissor do preconceito. [...] Implica-nos, frisar que o preconceito pode se manifestar de diversas formas como as gestuais, faladas e escritas, e, normalmente intuem ofender e/ou diminuir outrem em virtude de características da personalidade, escolhas, procedência nacional, traços físicos. (VITORINO e VITORINO, 2018, p.96).

Os autores De La Garza (2011), Vitorino e Vitorino (2018), mostram que o preconceito nada mais é do que uma ideia equivocada de algo ou de outro, (pre)conceito, uma imagem que formamos em nossa mente de maneira prévia antes mesmo de refletir sobre ela ou quando fazemos uma reflexão “deturpada.” A discriminação aparece como uma das formas de exteriorizar o preconceito, quando fazemos a distinção ou estabelecemos diferenças, restrição ou até mesmo exclusão de pessoas ou um grupo de pessoas, se baseando na cor, no sexo, idade, condição social, cultura, nacionalidade, etc. Em relação a xenofobia,

Pode dizer-se que este tipo de discriminação se baseia em **preconceitos históricos, religiosos, culturais e nacionais**, que levam o xenófobo a justificar a segregação entre diferentes grupos étnicos com o fim de não perder a própria identidade. Por outro lado, muitas vezes acrescenta-se um preconceito económico que vê nos imigrantes competidores pelos recursos disponíveis no seio de uma nação. (DE LA GARZA, 2011, p. 86. GRIFO DO AUTOR).

Gil Frutuoso (2018), Mina e Lima (2018) e Milesi, Coury e Rovero (2018), colocam em xeque a ideia de que o brasileiro acolhem bem os estrangeiros, ao analisarem a imigração venezuelana para o Brasil, por meio do estado de Roraima. Os autores revelam a hostilidade de brasileiros contra os venezuelanos, acreditando que estes são responsáveis por quase tudo de ruim que acontece em Roraima como homicídios e roubos, resultando em ataques de

brasileiros a venezuelanos; exemplo disto são os xingamentos (feito por meio da internet ou não), ataques a alojamentos de venezuelanos, pedidos de expulsão dos mesmos, tentativa de assassinatos e até mesmo o próprio assassinato. Além disso muitos brasileiros enxergam no imigrante venezuelano um concorrente a vaga de emprego, e até mesmo uma ameaça comunista.

Os autores Mina e Lima (2018), apontam que em decorrência do aumento da presença de imigrantes venezuelanos em Roraima em situação de vulnerabilidade,

[...] tem ocasionado o aumento das ações de cunho xenófobo por parte dos brasileiros residentes em Roraima, desenvolvendo não apenas agressões verbais ou simbólicas, mas também físicas contra os venezuelanos. (MINA; LIMA, 2018, p. 329).

De acordo com estes autores, se pode categorizar as ações xenófobas a partir da perspectiva de Simmel, entre o menos extremo e o mais extremo e, assim pensar a xenofobia contra venezuelanos em Roraima. Nesse sentido as autoras entendem

[...] como “menos extremas” as ações xenófobas de caráter simbólico, isto é, aquelas promovidas pelos brasileiros e que não envolvem violência física. As ações categorizadas nesta dimensão estão, em sua maioria, relacionadas a xingamentos, comentários ofensivos e piadas de mau gosto. Materializam-se tanto no cotidiano da vida material quanto no ambiente online, tendo como principal hospedeiro as redes sociais. [...] Já no polo oposto, temos as ações consideradas “mais extremas”, onde estão categorizadas aquelas que afetam diretamente a integridade corporal dos venezuelanos. Nesta dimensão, encontram-se as seguintes ações: agressões físicas, tentativa de homicídio e o próprio homicídio. (MINA; LIMA, 2018, p.333-334).

O que mais chama a atenção é que, as ações de cunho xenófobo são oriundas não apenas da população civil, em Roraima, mas também de pessoas públicas, como os políticos, que ao invés de tentar solucionar ou amenizar a situação, fazem é agravá-la mais ainda, quando colocam por exemplo que o problema da segurança, da saúde pública é culpa dos imigrantes, como desculpa pela má gestão de governo, aumentando ainda mais a aversão aos venezuelanos. Ao fazer isso

[...] os políticos locais buscam isentar-se de suas responsabilidades pela precariedade dos serviços públicos, desviando a atenção das reais causas dos problemas e utilizando os imigrantes como bode expiatório. Essa estratégia é perceptível na ACO 3121, que pede o fechamento da fronteira baseando-se em elementos como o risco de “possíveis epidemias” e o “aumento da criminalidade”. (MILESI; COURRY; ROVERY, 2018, p. 57).

No artigo *Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual*, das autoras Milesi, Courry e Roverly (2018), apresenta a análise da Ação Civil Originária 3121 (ACO 3121), mostrando a postura política do governo de Roraima frente a imigração venezuelana: relegando a total responsabilidade dos imigrantes a União e culpando-a de ser

omissa; propondo como solução para os problemas que a região vem enfrentando, a limitação da entrada de venezuelanos e até mesmo um pedido de fechamento da fronteira entre o Brasil/Venezuela.

O fechamento das fronteiras e a limitação da entrada de venezuelanos são medidas defendidas pelo Governo do estado de Roraima como solução para os problemas enfrentados na região. No entanto, essas demandas carecem de legalidade e operacionalidade logística, além de violarem compromisso de caráter humanitário. (MILESI; CORY; ROVERY, 2018, p. 59).

Fazer o que a ACO 3121 pede violaria: a Constituição Federal de 1988; a Lei de Refúgio, Lei nº 9.474 de 1997; a nova lei de migração, a Lei nº 13.445 de 2017; além dos compromissos internacionais como a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e a Declaração de Cartagena de 1984. (MILESI; CORY; ROVERY, 2018, p. 59-60).

Recapitulando, os dispositivos jurídicos aqui apontados destacam os *compromissos assumidos pelo Brasil de respeitar a dignidade da pessoa humana; garantir o acesso ao pedido de refúgio a quem necessita, respeitando o princípio da não devolução; e prover acolhida humanitária*. Dessa forma, considerando a situação de crise humanitária por que passa a Venezuela, não restam dúvidas de que atender às demandas da ACO 3121, impedindo ou limitando a entrada de venezuelanos no Brasil, seria ilegal. (MILEI; CORY; ROVERY, 2018, p. 60. GRIFO NOSSO).

Como foi observado acima por Mina e Lima (2018), as ações xenofóbicas praticadas contra os venezuelanos pelos brasileiros, foram classificadas em “menos extremas” e “mais extremas”. É sobre a xenofobia classificada como “menos extremas” que falaremos no próximo capítulo, a partir da Análise de Discurso (AD), dos comentários xenofóbicos contra os venezuelanos, praticados pelos usuários do site de notícia do G1, mediante a notícia de interiorização de imigrantes venezuelanos pelo Brasil.

### **CAPÍTULO 3: CARACTERÍSTICAS DOS COMENTÁRIOS XENOFÓBICOS CONTRA OS VENEZUELANOS PELOS INTERNAUTAS NO SITE DO G1 RR**

Com a chegada da internet, novas formas de relações ou interação surgiram por meio das mídias sociais, como por exemplo os blogs, redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram), fóruns, etc.,

O jornalismo que antes era feito por meio de jornais impressos contam agora com suas versões virtuais. Muitos sites de notícias permitem que os leitores deixem sua opinião, seu comentário, naquela página, permitindo a interação entre leitor e o texto, assim como a interação entre os próprios usuários. Um exemplo da interação entre os usuários são as curtidas nos comentários uns dos outros, assim como um comentário em relação ao outro comentário.

Revisando a literatura que abordam os comentários na Internet, encontramos alguns autores que refletem a respeito das mídias digitais, da sua interatividade, assim como o discurso presente dentro destes comentários. Acreditamos que, por meio destas reflexões poderemos melhor conhecer o nosso objeto de estudo, que são os comentários xenofóbicos de internautas no site de notícias do G1 RR, com a seguinte manchete: *Após a crise em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados*, reportagem de Emily Costa.

Foi diante dos comentários xenofóbicos que chegamos a seguinte indagação: qual a característica dos discursos dos comentários xenofóbicos contra os imigrantes venezuelanos no Brasil, pelos internautas no site do G1 RR, a partir da notícia de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil?

O foco deste capítulo, representa o nosso objetivo principal deste trabalho, que é: caracterizar os discursos dos comentários xenofóbicos, dos internautas, contra os venezuelanos no site do G1 RR.

Para alcançarmos a caracterização desses discursos xenofóbicos desses comentários, utilizaremos a técnica de Análise de Discurso (AD), em relação à formação discursiva, que segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 681), “a formação discursiva constitui-se na relação com o interdiscurso e o intradiscurso.” Portanto analisaremos o interdiscurso e o intradiscurso nos

comentário. Mas antes disso precisamos conhecer algumas características do jornalismo na internet.

### 3.1. O Jornalismo pela Internet

No que diz respeito a interatividade entre o jornalista e o leitor, Cunha (2014, p.15), afirma que, antes da internet as cartas de leitores de jornais eram raramente respondidas pelo editor e quando eram respondidas não aconteciam de forma imediata, além disso as cartas eram editadas. Mas com “o surgimento da internet proporcionou as pessoas a possibilidade de difundir as informações de forma *mais rápida e mais interativa.*” (FONSECA; MACHADO; PEREIRA; TRINDADE; 2016, p. 05, grifo nosso).

Envolto de grandes discussões, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NITCs) alteraram o modo de se fazer jornalismo e a produção de notícias. Desde o advento da Internet comercial, de seu desdobramento nos anos de 1970 e 1990 e do lançamento do primeiro jornal on-line em 1994 na Califórnia, ela tem transformado profundamente a profissão do jornalista. [...]. *Essas tecnologias são associadas à interatividade e a possibilidade de criação universal, onde todos podem veicular e acessar o que desejarem desde que estejam disponíveis publicamente.* (NOUGUEIRA; MALLMANN, 2013, p. 04. Grifo nosso).

De acordo com Nogueira e Mallmann (2013, p. 03), no Brasil, os anos 2000 marca o início da veiculação de textos jornalísticos pela internet, permitindo que pudéssemos observar que, muitos jornalistas estão substituindo a mídia impressa pela web.

Então, um meio passou a ser substituído pelo outro, constatando-se uma rápida migração da mídia de massa existente para um novo meio – a internet – sem que se tenha verificado qualquer alteração na linguagem. (NOGUEIRA; MALLMANN; 2013, p. 03).

Fonseca et al. (2016, p. 05) vai dizer que a comunicação das informações se modificaram pois, antes a informação era passada por poucos para muitos e agora muitos passam para muitos, ou seja, a pessoa antes só consumia as informações que eram passadas, agora elas também podem produzir o conteúdo.

Para Fonseca et al. (2016, p. 05-06),

hoje, a comunicação é cada vez mais customizada, e o público não pode mais ser considerado um mero receptor de mensagens. [...] Nos sites de redes sociais, os indivíduos estão conectados entre si através de seus perfis, esses espaços se tornam propícios para a propagação de informação.

Em relação ao jornalismo on-line Palácios (2002 apud NOGUEIRA; MALLMANN; 2013, p. 05), “[...] propõe seis características fundamentais: multimídia/convergência,



interatividade, hipertextualidade, personalização, memória, instantaneidade e atualização contínua.”

Mas dentre essas características o que nos interessa aqui neste trabalho é a interatividade, pois ao observarmos os comentários postados no site do G1 RR em relação a reportagem de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil, notamos que há uma interatividade entre os comentaristas, que curtem os comentários uns dos outros ou até mesmo comentam; porém é preciso ressaltar o que diz Nogueira e Mallmann (2013, p. 06), que o simples fato de navegar em um site de notícia já é uma interação entre o leitor e o veículo de comunicação.

[...] a interatividade que temos atualmente está ligada aos meios digitais se referindo a uma forma de interação técnica, de cunho digital, diferente da analógica que existia nos veículos tradicionais, como por exemplo, cartas e fax. Por conseguinte, o autor separa os termos interação social e interação técnica para melhor compreendermos a interatividade. Sendo a primeira ligada à relação homem-homem, presente no dia-a-dia, a segunda estaria relacionada à relação homem-técnica, caracterizada pela interatividade mediada através da máquina. (LEMOS 1997 apud NOGUEIRA; MALLMANN 2013, p. 06).

No que diz respeito as mídias digitais, Bruno Oliveira (2011 apud FONSECA et al., 2016, p. 04), afirma que “[...] são estruturas sociais compostas por pessoas ou organizações que partilham valores ou objetivos comuns, conectados por um ou vários tipos de relação, permitindo a troca e a criação de conteúdos gerados pelo usuário (CGU).”

Assim, com a chegada da internet, os jornalistas vem experimentando um novo tipo de diálogo: os comentários eletrônicos. “O comentário eletrônico é uma *prática social* que faz parte da vida cotidiana de milhares de pessoas.” (CUNHA, 2014, p. 15, grifo nosso).

Trata-se de um gênero em expansão em razão do crescente uso de redes sociais e das novas tecnologias: os jornais e blogs estão no Facebook, sendo possível escrever comentários, enviar vídeos e links, a partir de iPhones, tablets, celulares, etc. O comentário é portanto uma *prática discursiva* que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu PDV [...]. (CUNHA, 2014, p. 15-16, grifo nosso).

O comentário eletrônico, se configura como prática discursiva que constrói novos discursos a partir do ponto de vista (PDV) do sujeito, que está inserido dentro de um contexto social que pode influenciar a sua opinião. “A noção de PDV se aproxima da posição axiológica, da atitude de valorativa [...]”. (CUNHA, 2014, p.13). Cunha ao falar da noção de ponto de vista (PDV), afirma que, o ponto de vista (PDV)

[...] se elabora dialogicamente, na confrontação com o outro PDV; por isso a dificuldade de se dar uma definição ou descrição linguística. Se existe PDV é porque há diferentes percepções e maneiras (de outros sujeitos) de se posicionar em relação a uma realidade comum. (CUNHA, 2014, p. 14-15).

O comentário, portanto, parece envolver um maior engajamento do ator com a conversação e um maior risco para a face, pois é uma participação mais visível. Isso porque aquilo que é dito pode ser facilmente descontextualizado quando migrar para outras redes das ferramentas de compartilhamento, de curtida e mesmo de comentário. (FONSECA et al., 2016, p. 11).

Fonseca et al., (2016, p. 11), chama atenção para com o cuidado dos limites dos comentários para não se tornarem desrespeitosos ou ofensivos.

“É preciso muito respeito para debater online. Os limites de bom senso não são tão nítidos na internet, as pessoas agem como se conhecessem todos os outros usuários e acabam ficando mais agressivas.” (RECUERO, 2014 apud FONSECA et al., 2016, p. 11).

Observando o que Recuero (2014 apud FONSECA 2016), diz, acima a respeito dos limites do bom senso na internet, podemos afirmar que em relação aos comentários a respeito dos imigrantes venezuelanos foram preconceituosas e agressivas, mas antes de partir para os comentários vamos primeiro conhecer a reportagem de Emily da Costa sobre a interiorização da imigração venezuelana no site do G1 RR.

### ***3.2. G1 RR: Após a crise em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados***

De acordo com a reportagem publicada no site do G1 RR no dia 24 de dezembro de 2018, o processo de interiorização de venezuelanos iniciou-se em abril com o Governo Federal como alternativa para diminuir o grande fluxo de imigrantes em Roraima, e assim diminuir o impacto social causado pelo grande volume de imigrantes.

O G1 RR, também mostra como agora esses imigrantes estão vivendo em outras partes do Brasil como Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraná, Paraíba, Distrito Federal, e etc.,.

De acordo com o site, a maioria dos venezuelanos no Brasil se encontram desempregados e recorrem aos subempregos. Outras dificuldades apontadas pelo site, é a dificuldade de comunicação; a saudade de casa, muitas famílias foram separadas e; não possuem quase nada ou nada de dinheiro; mas apesar disto, relataram que aqui no Brasil está

melhor do que na Venezuela, e que as estruturas dos outros estados brasileiros em relação a Roraima são melhores.

O site ainda reforça que as pessoas que participam desse processo de interiorização, são aquelas em situação de vulnerabilidade social e econômica e necessitam da ajuda do Governo; além de estarem alojadas em abrigos no estado de Roraima, mas possuem documentos (como CPF, carteira de trabalho) e antes de viajarem fazem exames médicos e vacinam.

O site apresenta os relatos dos venezuelanos, que estão aqui no Brasil, tais declarações são marcadas pela esperança de um futuro melhor; outros ainda sonham em voltar para o país, quando a crise passar, e voltar a ficar ao lado dos familiares; há ainda outros que dizem que quer conseguir “caminhar com seus próprios pés” aqui no Brasil, e agradecem a ajuda. Muitos relataram que ficaram emocionados com o apoio e a solidariedade dos voluntários que o ajudaram; assim como relatos de quem precisou de dormir ao relento; além de tantas outras afirmações emocionantes e de medo.

Além de tratar do assunto da interiorização, o site traz informações atualizadas a respeito da imigração venezuelana e comenta a respeito da crise na Venezuela e, ainda faz um pequeno comentário a respeito da relação entre o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro e o presidente venezuelano Nicolás Maduro, afirmando que Bolsonaro, “sempre foi um crítico contundente do regime bolivariano no país vizinho, desde a gestão de Hugo Chávez.” (G1 RR, 2018).

Deste modo, já conhecendo a notícia poderemos agora analisar o discurso presente nas postagens dos comentários xenofóbicos dos internautas do site do G1 RR, mediante a notícia de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil.

### **3.3. Análise do Discurso dos comentários xenofóbicos dos usuários do site G1 RR**

Devido ao tempo, selecionamos apenas 21 comentários do total de 212 comentários postados no site do G1 RR, ou seja uma amostra de 10% (dez por cento). Optamos por não selecionar comentários aleatoriamente, mas sim consecutivos, levando em consideração que os comentaristas interagem entre si. Como já foi dito, pretendemos caracterizar estes

discursos, a partir do conceito de discurso presente na obra *A ordem do Discurso*, de Michel Foucault (1996). Para fazer esta caracterização vamos utilizar a técnica de Análise de Discurso (AD).

De acordo com Foucault (1996),

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...]. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.” (FOUCAULT, 1996, p. 09-10).

Para Foucault (1996), o discurso é a materialização de ideologias, simboliza poder, uma vez que um discurso convincente tem o poder de persuasão, deste modo considerando tudo o que com o discurso se possa conseguir, ele passa a ser objeto de desejo pelo sujeito, mesmo sabendo dos seus perigos.

Mas pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a mesma inquietação: inquietação diante do que é discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietações de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. (FOUCAULT, 1996, p. 07-08).

Mas afinal, o que é o discurso?

O discurso é a materialidade de uma realidade, a sua verbalização. É estarmos na realidade e termos a possibilidade de falar dela, de conhecê-la, de julgá-la. (FOUCAULT, 1996, p.48).

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar a interioridade silenciosa da consciência de si.” (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Olhando para a obra de Foucault (1996), sobre o discurso, percebemos que para a Análise de Discurso (AD), não é o sujeito e nem o enunciado que devemos tomar como foco, mas sim as formulações discursivas em seu contexto de produção. São as formulações discursivas o centro da comunicação.

A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode se afirmar que o *corpus* da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo

de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” dos sentidos que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos na memória do dizer. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680-681. Grifo das autoras).

De acordo com Foucault (1996) o discurso repete outros discursos que já foram pronunciados em outros contextos, com outros autores, porém o sujeito tem a ilusão de que é inédito. O discurso para Foucault (1996), é ao mesmo tempo inédito e não inédito. O discurso é inédito para o sujeito (autor), em seu contexto de produção, o que torna único; porém não é original, por já ter sido pronunciado antes em outro contexto.

Os discursos dos comentários que analisaremos a seguir, não se tratam de discursos originais mais são únicos pois são formulações discursivas de discurso daquele momento de produção (contexto sócio histórico).

A formação discursiva constitui-se na relação com o interdiscurso e o intradiscurso. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; sentidos do que é dizível e circula na sociedade; saberes que existem antes do sujeito; saberes pré-construídos constituídos pela construção coletiva. O intradiscurso é a materialidade (fala), ou seja, a formulação do texto; o fio do discurso; a linearização do discurso. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p.681).

Para analisar essas formações discursivas presente no discurso dos comentários que estamos analisando iremos caracterizar o discurso a partir da regularidade das marcas linguísticas que aparecem no discurso xenofóbico. Devemos lembrar primeiro que a xenofobia é entendida como a aversão, temor, ao estrangeiro.

A xenofobia é a rejeição expressa através de preconceitos contra todo e qualquer estrangeiro, tendo em conta que os preconceitos são convicções sem fundamento, com desconhecimento dos factos, que desencadeiam facilmente a discriminação. (DE LA GARZA, 2011, p. 87).

Podemos dizer que entre os temas mais abordados nos comentários xenofóbicos foram:

- a) comunismo/socialismo
- b) emprego/desemprego;

Entre os comentários que faz menção ao comunismo ou ao socialismo, temos por exemplo, os Comentários: 08, 10, 13 e 20.

- Comentário 08: Antonio Castro (118 curtidas e 13 não curtidas):

“O G1 poderia fazer uma reportagem, por que esses Venezuelanos estão fugindo do seu país, que crise é essa, e o por que dessa crise, e como são tratados pelo ditador Maduro, e se eles estão fugindo da crise ou da ditadura comunista.” (COSTA, 2018).

- Comentário 10: Leonardo (0 curtida e 0 não curtida):

“estão fugindo porque estão passando fome, eles nao tavam nem ai se era regime socialista e ditatorial, só estão se tocando agora” (COSTA, 2018).

- Comentário 13: Marcelo Lima (5 curtidas e 1 não curtida):

“Colocam o socialismo no poder e em seguida fogem para o capitalismo. Quando isso vai parar?” (COSTA, 2018).

- Comentário 20 Jobs (144 curtidas e 5 não curtidas):

“Engraçado que os “jornalistas” não falam a causa da “crise que foi a implantação do Socialism0.” (COSTA, 2018).

Notamos que nos comentários: 08, 10, 13 e 20, o termo socialismo/comunismo e capitalismo é empregado em oposição um ao outro. Assim como o sentido negativo de comunismo ou socialismo no imaginário destes internautas, que de certa forma revelam para nós o imaginário que a maioria da sociedade brasileira tem a respeito do comunismo como algo negativo, inimigo do Brasil.

De acordo com Oliveira e Filho (2016), o comunismo teve uma imagem negativa construída no Brasil, representado no imaginário coletivo, como uma encarnação do mal. “Muitas vezes comparado como uma doença que poderia matar uma nação, para muitos o comunismo tinha que ser combatido como um câncer, para que não [...] contaminasse tudo ao seu redor.” (OLIVEIRA; FILHO, 2016, p. 1092).

Foram utilizados por exemplo, para legitimar o governo de Vargas no Estado Novo, implantado com a justificativa de conter uma ameaça comunista no Brasil. Entre as aparições recentes do anticomunismo no Brasil, podemos citar as eleições presidências de 2018, onde a esquerda foi enxergada por muitos como sinônimo de comunismo. A derrota da esquerda para as eleições presidenciais foi como que estivéssemos ganhando uma batalha contra o *inimigo vermelho*, na figura do Partido dos Trabalhadores (PT), que tem em sua bandeira a cor

vermelha, a mesma cor da bandeira do comunismo. O comentário 02, por exemplo, dá a impressão de que liga os venezuelanos ao comunismo e ao PT, mesmo não falando de qual partido se trata.

- Comentário 02: Goddess Spell (2 curtidas e 1 não curtida):

“Pois é. Muitos já tem cidadania, titulo de eleitor, e advinha em quem eles votam?” (COSTA, 2018).

O comentário 02, por exemplo, dá a impressão de que liga os venezuelanos ao comunismo, uma vez que sempre foi deixado bem claro pela mídia de que a Venezuela tem uma relação bem estreita com Cuba, desde a ascensão de Chávez no poder da Venezuela, país dito como comunista; além da aproximação com que o ex-presidente Lula do PT, teve com o ex-presidente cubano Fidel Castro e Chávez da Venezuela.

Como vimos no primeiro capítulo, Maduro teve como plano de governo dar continuidade a implantação do socialismo na Venezuela, iniciado com Hugo Chávez, denominado como: “*Socialismo do século XXI*: um modelo de sociedade que se pautaria na solidariedade e cooperação, a fim de frear a destruição provocada pelo neoliberalismo.” (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 07. Grifo dos autores). Maduro assumiu a presidência da Venezuela depois da morte de Chávez, governando interinamente, em um curto espaço de tempo, já que Chávez morreu em 05 de março de 2013 e em 14 de abril de 2013, Maduro foi eleito pelo povo como presidente da Venezuela, vale destacar que “[...] os países com aproximação ideológica à bolivariana reconheceram prontamente as eleições, os outros que adotam uma perspectiva neoliberal evitaram de parabeniza-lo.” (BASTOS; OBREGÓN; 2018, p. 12).

Já entre os comentários que fazem menção ao emprego/desemprego, temos os comentários: 01, 05 e 06.

- Comentário 01: Douglas Bacagini (10 curtidas e 3 não curtidas):

Brasil, país mais inocente do mundo. Para imigrar legalmente para outro país é necessário qualificação, garantias financeiras, fazer provas de idiomas, aqui esses migrantes desqualificados chegam só com a roupa do corpo e ganham cidadania, carteira de trabalho, passagem de avião, alimentação, etc. Tem Brasileiro passando fome e sem emprego e esses caras chegam aqui ganhando tudo, quem fez a Venezuela desse jeito foram eles, o que eles vão agregar aqui, vão repetir os mesmos erros de novo. (COSTA, 2018).

- Comentário 05: Ronei Costa (44 curtidas e 17 não curtidas):

Primeiro estou preocupada com os 13 milhões de Brasileiros desempregados, depois eu penso nos Venezuelanos e todos os outros imigrantes!!! Sendo a maioria deles ilegais no Brasil deveriam ser extraditados e os empresários serem multados quando contratarem pois estão tirando os empregos do brasileiros “Primeiro pão aos filhos” (COSTA, 2018).

- Comentário 06: Ronei Costa ( 5 curtidas e 0 não curtida):

“Hipocrisia seria eu tirar o emprego dos Brasileiros para dar aos estrangeiros, eu acabar com o Brasil por causa de uma crise política econômica da Venezuela, Haiti, etc...” (COSTA, 2018).

É certo que tem muitos brasileiros que estão passando fome e estão sem empregos, mas apontar as causas para a imigração é um equívoco. O desemprego e a fome já faziam partes dos problemas estruturais brasileiros antes desse fluxo de imigrantes. O Brasil tem passado por um “[...] desgaste no tecido social.” (SOLANO, 2018, p. 03). Tal desgaste é devido a Crise política e econômica da qual o nosso país vem passando; onde, as “altas taxas de desemprego e aumento da vulnerabilidade e precariedade para amplas camadas populacionais são fatores que potencializam o desgaste no tecido social.” (SOLANO, 2018, p. 03).

A aversão a imigrantes estrangeiros dispara quando o país que os recebe passa por momentos delicados. Foi assim durante a crise econômica internacional, que atingiu fortemente países da Europa, a partir de 2008. Dez anos depois da onda xenófoba europeia, este é o atual cenário no Brasil, que enfrenta grandes oscilações econômicas, em especial desde 2014, influenciando a geração de emprego, piorando o custo de vida, aumentando a violência e diminuindo o acesso a questões básicas, como educação e saúde. Também a instabilidade política, agravada ainda mais pelo surgimento de políticos extremistas que incitam discursos de ódio, promovendo um sentimento de que estamos todos constantemente em conflito e fazendo acreditar que não se pode confiar em quem tenha opinião divergente. (GIL FRUTUOSO, 2018, p.168).

Milesi, Coury e Rovero (2018), analisando a Ação Civil Originária 3121 (ACO 3121), mostrou que muitos políticos de Roraima estavam responsabilizando a precariedade do serviço públicos oferecidos sendo culpa do grande número de imigrantes venezuelanos presentes em Roraima.

[...] Propõem falsas soluções às demandas da população e se esquivam de lidar com as causas reais dos problemas, além de isentar os gestores públicos de suas responsabilidades. Para os imigrantes essa estratégia é ainda mais nociva, pois, além de não terem suas demandas reconhecidas, passam a ser responsabilizados por todas as falhas da administração pública, em áreas como saúde, segurança, educação, emprego e outros. (MILESI; COURY; ROVERO; 2018, p. 64).

Bogus e Fabiano (2015, p. 129), afirmaram que em uma sociedade urbana e competitiva se torna mais difícil a prática da solidariedade. E isso pode ser visto em relação as



fronteiras que se abrem para o capital especulativo, mas se fecham para as pessoas. Na visão de López Cifuentes (2008 apud BOGUS; FABIANO, 2015, p. 129),

[...] A economia se tornou mundial e com isso as fronteiras se apagaram para o capital especulativo, mas não para os seres humanos. Desta forma, crescentes segmentos da população tornam-se marginalizados e excluídos do bem-estar material. Como resultado, emerge o fenômeno de fluxos massivos de migrações forçadas, nos quais milhões de indivíduos buscam fugir não mais de perseguições políticas individuais, mas predominantemente da fome, da miséria e de conflitos armados. Para esses milhões de migrantes e refugiados, as fronteiras não desaparecem. Pelo contrário, para eles, os muros estão cada vez mais altos, principalmente as muralhas das nações mais influentes e responsáveis pelo processo de exclusão daqueles que buscam seus territórios para viver e trabalhar. (BOGUS; FABIANO; 2015, p. 129).

Enfim, o que caracterizam esses discursos presente nesses comentários preconceituosos, são o medo ou até mesmo o ódio do fantasma do comunismo que se materializa na figura do venezuelano e o receio de que os trabalhadores brasileiros possam serem trocados por estes imigrantes, há uma espécie de temor ou crença de que os imigrantes vão tirar o emprego dos brasileiros. Muitos acham que a culpa da crise na Venezuela e da imigração é do comunismo ou socialismo. É como que ao acolhermos os venezuelanos no Brasil, estivéssemos defendendo o comunismo/socialismo, sem falar do medo que se tem que se implante o comunismo no Brasil.

Terminando esta análise dos comentários que discriminam, de forma negativa, os imigrantes venezuelanos, podemos afirmar que o que caracteriza estes discursos xenofóbicos são a consequência do medo/ódio do comunismo/socialismo construído historicamente no imaginário coletivo do brasileiro; além da visão de que o imigrante é mais um concorrente a uma vaga de trabalho, temendo que o empregador prefira o outro ao invés dele, ou as vezes simplesmente se é egoísta, não aceitando que se possa dar uma oportunidade de emprego a um estrangeiro. Este tipo de discurso que incita ao ódio é muito perigoso. Lembrando que Foucault (1996), afirmou a respeito do discurso, que o mesmo quando dito de forma convincente pode levar a manipulação de alguém, ou insinuar algo, ou seja o discurso tem poder, e no contexto da rápida comunicação em que vivemos hoje pode chegar a um nível de alcance bem maior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a Crise na Venezuela o Brasil começou a receber um número relevante de fluxo migratório de venezuelanos, que buscam aqui acolhida e proteção para sobreviverem a Crise Humanitária, que se instalou no governo de Maduro. São pessoas em estado de vulnerabilidade, que precisam da nossa ajuda, de uma oportunidade para recomeçarem suas vidas. É necessário estarmos atentos também, ao preconceito e a discriminação que essas pessoas vêm sofrendo por terem outra nacionalidade, seja no ambiente online ou não, o que agrava ainda mais a situação desses imigrantes.

As ações xenofóbicas nas redes sociais, precisam serem levadas a sério e serem combatidas, uma vez que trazem um discurso perigoso de ódio que pode ser propagado na internet. O discurso xenofóbico pode ser tão perigoso quanto a ação agressiva, uma vez que a mesma proporciona a abertura para a violência física.

O nosso trabalho buscou por caracterizar os discurso de comentários xenofóbicos deixados pelos internautas no site do G1 RR, sendo então, evidenciando o medo e o ódio que se tem pelos venezuelanos, por relacioná-los diretamente como comunistas e que estão aqui para tirar os empregos dos brasileiros. O discurso de muitos políticos alimentam a imaginação equivocada de muitos no Brasil a respeito do comunismo, gerando uma paranoia anticomunista.

Para chegar até essa caracterização dos comentários, percorremos alguns passos. O primeiro foi conhecer os fatores que desencadearam a Crise na Venezuela, provocando um certo fluxo de migração venezuelana para o Brasil. Na procura por esses fatores percebemos que a situação da Venezuela é bem complexa e que, as referências que utilizamos apesarem do esforço para esboçar tal cenário deixam algumas lacunas a respeito da conjuntura que levou a essa Crise. Talvez trabalhos posteriores possam nos ajudar a explicar melhor esse momento que ainda não teve seu desfecho.

O nosso segundo passo foi abordar a migração venezuelana para o Brasil tendo em vista a discriminação sofrida por eles, a partir dos conceitos de migração, fronteira e xenofobia. Percebemos neste capítulo o quanto que a temática da migração é importante e necessária a ser trabalhada e discutida entre as nações, partindo do seu conceito e passando pelas categorias existentes de migração até novas formas de categorização. Do mesmo modo, as fronteiras também devem serem repensadas e respeitarem e reconhecerem a necessidade de

deslocamento de pessoas, que muitas vezes são barradas nas fronteiras e vítimas de discriminação seja por cor, sexo ou nacionalidade. É importante levar em conta os motivos da imigração sob uma perspectiva fraterna. A xenofobia deve ser combatida, se deve haver conscientização da população, pensar novas formas de conscientização e punição que possa atingir a internet. É algo a ser colocado em prática, não só em relação a xenofobia, mas também de outras formas de discriminações aflige o nosso país.

O nosso último passo foi à Análise do Discurso (AD), dos comentários xenofóbicos dos internautas de onde partimos da noção de discurso de Foucault (1996), que mostra que um discurso tem poder, o que o torna tão perigoso. Por isso mesmo os discurso de ódio contra os venezuelanos devem serem combatidos e punidos por incitarem o ódio pelos venezuelanos podendo passar de uma violência simbólica para uma violência física.

## REFERÊNCIAS

ALVES DA SILVA, Maria Ivone. **O ethos em “lá línea” de fronteira Brasil/Venezuela: ambiente e ecolinguístico e redes sociais**. Boa Vista, 2012. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/mariaivonesilvamestrado.pdf>> acessado em 01/12/2019.

BASTOS, Julia Pedroni Batista; OBREGÓN, Marcelo Fernando Quiroga. Venezuela em crise: o que mudou com Maduro?. **Derecho y Cambio Social**, 2018. Disponível em: <[https://www.derechoycambiosocial.com/revista052/VENEZUELA\\_EM\\_CRISE.pdf](https://www.derechoycambiosocial.com/revista052/VENEZUELA_EM_CRISE.pdf)> acessado em 07/12/2019.

BELLO, Enzo. Constituição e política na Venezuela: Um balanço da conjuntura contemporânea. **Revista de Ciências Jurídicas: Pensar**, Fortaleza, v.24, n.1, p. 1-13, jan./mar. 2019.

BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações possibilidades e desafios. **Revista Ponto e Vírgula-PUC SP** n. 18, p. 126 – 145, Segundo Semestre de 2015.

CAREGNATO, Rita C. A.; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: Análise de Discurso *versus* Análise de Conteúdo. **Texto e Contexto Enferm**, Florianópolis, 15 (4), out-dez, 2006, p. 679-684.

CORRÊA, Mariana Almeida Silveira; NEPOMUCENO, Raísa Barcellos; MATTOS, Wesley H. C.; MIRANDA, Carla. Migração por Sobrevivência: Soluções Brasileiras. **REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 221 – 236, jan./jun. 2015.

COSTA, Emily da. Após a crise em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados. **G1 RR**, Boa vista, 24 de Dezembro de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/12/24/apos-a-crise-migratoria-em-roraima-venezuelanos-contam-como-e-a-vida-em-outros-estados.ghtml>> acessado em 07/12/2019.

CUNHA, Doris de A. C da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários na Web. In: REINO, Lucas; BUENO, Thaisa. **Comentários na Internet**. Disponível em < <http://gmidia.ufma.br/livro/comentarios-na-internet/Comentarios-na-Internet.pdf>> acessado em 07/12/2019.

DE LA GARZA, C. (2011). Xenofobia. Tradução de Marta Santos e Marianne Lacomblez. **Laboreal**, v. 07, n. 02, 86-89, 2011. Disponível em: <[http://laboreal.up.pt/files/articles/86\\_89e.pdf](http://laboreal.up.pt/files/articles/86_89e.pdf)> Acesso em 31/08/2019.

FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em Geografia. **Revista Perspectiva Geográfica**. UNIOSTE. V. 9, n. 10, 2014.

FONSECA, Antoníela T.; ET AL. Como as informações e comentários nas redes sociais pautam as notícias: Análise da Hastag #somostodosmaju. **INTERCOM: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Curitiba-PR, 2016. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1377-1.pdf>> acessado em 06/12/2019.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIL FRUTUOSO, Suzane Caroline. Fluxos migratórios no Brasil: cenários e reflexos comportamentais despertando a xenofobia. **Revista FECAF de Estudos Acadêmicos e Científicos**. Ano 01, n. 01, p. 161 – 170, verão de 2018.

JAROCHINSKI SILVA, João Carlos; ABRAHÃO, Bernardo Adame. Migração pela sobrevivência – O caso dos venezuelanos em Roraima. In: JUBILUT, Liliana Lyra; FRINHANI, Fernanda de Magalhães Dias; LOPES, Rachel de Oliveira (Org.). **Migrantes Forçad@s: Conceitos e Contextos**. Boa Vista, RR: Editora da UFRR, 2018, p. 636 – 661.

JUBILUT, Liliana Lyra; MADUREIRA, André de lima. Os desafios de proteção aos refugiados e migrantes forçados no marco de Cartagena + 30. **REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, ano XXII, n. 43, p. 11 – 33, jul./dez. 2014.

MILESI, Rosita; COURY, Paula; ROVERY, Julia. Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v.10, n. 22, p. 53-70, Ago.2018.

MINA, Renan Vidal; LIMA, José Rodolfo Tenório. A “cordialidade” do povo brasileiro frente à imigração de venezuelanos em Roraima: uma discussão sobre a xenofobia. **Revista del CESLA**. International Latin American Studies Review, (22), p. 327-346, 2018.

MOREIRA, Thiago Oliveira. A (necessária) proteção dos direitos humanos dos migrantes venezuelanos pela jurisdição brasileira. In: BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (Coord). **Migrações Fronteiriças**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, Nepo Unicamp, 2018, p. 394-403.

NOGUEIRA, Felipe A.; MALLMANN, Andreia D. Análise das Características do jornalismo online em portais de notícias. **INTERCOM: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. S. Cruz do Sul – RS: 2013**. Disponível em < <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0824-1.pdf>> acessado em 07/12/2019.

NOLASCO, Carlos. Migrações internacionais: Conceitos, tipologia e teorias. **Oficina do CES nº 434**, Coimbra-Portugal, março de 2016. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/309547207\\_Migracoes\\_internacionais\\_conceitos\\_tipologia\\_e\\_teorias](https://www.researchgate.net/publication/309547207_Migracoes_internacionais_conceitos_tipologia_e_teorias)> acessado em 02/12/2019.

OLIVEIRA, Amelia Neta Diniz de; FILHO, José Adilson. O medo vermelho: representações sobre o comunismo e seus derivados em jornais paraibanos (1960-1964). **XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB**. V. 17, n.1, 2016. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviiieh/xviiieh/paper/viewFile/3373/2649>> acessado em 07/12/2019.

ONU BR. Número de refugiados e migrantes da Venezuela no mundo atinge 3,4 milhões. 22 de fev. de 2019. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-mundo-atinge-34-milhoes/>> Acesso em: 04 de fev. de 2020.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. A Revolução Bolivariana e a Venezuela de Hugo Chávez: História e Interpretações (1999-2013). **Revista Eletrônica do Tempo Presente**. 2014. Disponível em: [http://www.ie.ufrj.br/ri/intranet/arquivos/001514\\_a\\_revolucao\\_bolivariana\\_e\\_a\\_venezuela\\_de\\_hugo\\_chavez.pdf](http://www.ie.ufrj.br/ri/intranet/arquivos/001514_a_revolucao_bolivariana_e_a_venezuela_de_hugo_chavez.pdf) > acessado em 07/12/2019.

RECUERO, Raquel. #ProtestosBR: Análise Comparativa dos Veículos de Comunicação. **SBJor: 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Santa Cruz do Sul – UNISC** - Novembro de 2014. Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/sbjor2014.pdf>> acessado em 07/12/2019.

SANTOS, Christiano Ricardo dos; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. Territorialidade de fronteira: uma contribuição da questão fronteiriça no contexto do Mercosul. **Revista Geonorte**. Edição Especial 3, v. 7, n. 1, p. 299-317, 2013.

SILVA, Gutemberg de Vilhena. A Fronteira Política: alguns apontamentos sobre este tema clássico da Geografia Política. **Revista Acta Geográfica**. Ano II, n. 4, jul/dez.2008. p-07-15.

SIMÕES, Gustavo da Frota. A mudança do perfil do imigrante venezuelano em Roraima e o aumento da xenofobia. In: BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (Coord). **Migrações Fronteiriças**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, Nepo Unicamp, 2018, p. 386-393.

SOLANO, Esther. Crise da democracia e extremismos de direita. **Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil**. São Paulo, n. 42, maio de 2018. Disponível em <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>> acessado em 26/02/2020.

VITORINO, Cleide Aparecida; VITORINO, William Rosa Miranda. Xenofobia: política de exclusão e de discriminações. **Revista Pensamento Jurídico**. São Paulo, v. 12, n. 2, jul/dez.2018. p. 92-116.

## **ANEXO A - Após a crise migratória em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados**

**Com processo de ‘interiorização’ iniciado em abril pelo Governo Federal, mais de mil imigrantes foram levados a locais como RS, RN, PB, BA, PR, DF, AM, PE e MT. Ao G1, eles relatam efeitos da mudança.**

**Por Emily Costa\*, G1 RR — Boa Vista**

24/12/2018 10h18 Atualizado há 11 meses

Com o agravamento da crise migratória em Roraima provocada pela chegada de milhares de venezuelanos que fugiram do país vizinho nos últimos três anos, o Governo Federal iniciou, **em abril, o processo de "interiorização"**. Criado como alternativa para reduzir o impacto social desse grande fluxo de imigrantes, o programa prevê o deslocamento de parte desse contingente a outras regiões brasileiras. Mais de 4 mil imigrantes **já foram levados a diversos estados** após aderir voluntariamente ao processo.

O **G1** conta como eles vivem agora no Amazonas, na Bahia, no Distrito Federal, no Mato Grosso do Sul, na Paraíba, no Paraná, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e no Rio Grande do Sul.

A maioria não está trabalhando. É comum que tenham de recorrer a subempregos – poucos conseguem carteira assinada. A falta de compatibilidade de diploma do curso superior é outro empecilho. Muitos relatam ainda dificuldades de comunicação, por não entenderem a língua. Diversas famílias foram separadas, e muita gente diz sentir saudade de casa. Falam também que possuem pouco ou quase nada, por terem vindo só com a roupa do corpo.

Apesar disso, descrevem que a vida está melhor que na Venezuela. E com uma estrutura mais adequada que a de Roraima. Desde 2015, o estado vem sofrendo com o número crescente de imigrantes que cruzam a fronteira e ficam por lá.

Os venezuelanos que participam da interiorização são os que estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica, dependem de ajuda do governo e estão em abrigos de Roraima. De acordo com a Casa Civil, responsável pelo processo, todos os interiorizados têm documentação como CPF e carteira de trabalho, são vacinados, fazem exames médicos e aceitam participar voluntariamente da viagem.



A Venezuela enfrenta um colapso econômico, **com a maior crise política e social de sua história**. O país passa por uma recessão e vê um êxodo de moradores que sofrem com a pobreza e a fome.

A maioria dos que vêm ao Brasil chega pela fronteira à cidade de Pacaraima (RR). Em Roraima, **os imigrantes concentravam-se sobretudo na capital do estado, Boa Vista**, com impacto enorme nos serviços públicos. A cidade, que em fevereiro tinha 40 mil venezuelanos, passou a conviver com praças ocupadas, abrigos lotados e casas habitadas por dezenas de moradores.

Finalmente, em 5 de abril, começou a interiorização, com um voo que levou 116 imigrantes a São Paulo.

A Polícia Federal informa que, entre 2015 e novembro deste ano, recebeu **mais de 62 mil pedidos de refúgio e 24 mil de residência temporária em Roraima**.

No final de agosto, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), informou que, **ao longo de 2018, 10 mil venezuelanos chegaram ao Brasil**. Pelas contas do órgão, havia naquele momento 30,8 mil imigrantes do país vizinho vivendo por aqui.

Com o cenário agravado por essa crise social e **outra no sistema prisional**, foi aprovada a intervenção federal em Roraima, que teve início em 10 de dezembro.

Com relação ao futuro das relações entre Brasil e Venezuela, vale lembrar que o presidente eleito, Jair Bolsonaro, sempre foi um crítico contundente do regime bolivariano no país vizinho, desde a gestão de Hugo Chávez. E Bolsonaro intensificou as críticas com Nicolás Maduro, **que não foi convidado para a posse**.

Apesar disso, no dia seguinte à vitória de Bolsonaro nas urnas, o ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Jorge Arreaza, disse que Maduro fazia um apelo ao presidente eleito para que retomasse "o caminho das relações diplomáticas de respeito" com a Venezuela.

### **A passagem pelo Brasil**

Mesmo sendo o maior país da América Latina e vizinho a Venezuela, o Brasil está longe de ser um dos principais destinos da diáspora venezuelana, que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), já chegou aos 3 milhões.

- **ONU prevê 5,3 milhões de refugiados e migrantes venezuelanos até o final de 2019**

No ranking de recepção aos venezuelanos, o país está atrás da Colômbia, Peru, Equador, Argentina e Chile.

Em dois anos, quase metade dos 199 mil venezuelanos que cruzaram a fronteira já deixaram o Brasil, segundo o dado mais recente da Casa Civil.

Entre os 98 mil que já deixaram o país, 66 mil o fizeram por via terrestre. Outros 64% voltaram à Venezuela pela mesma fronteira que entrou, 18% saíram por Foz do Iguaçu, no Paraná (onde há fronteira com Paraguai e Argentina), 5% por Guajará-Mirim, em Rondônia (fronteira com a Bolívia) e 5% por Uruguaiana, no Rio Grande do Sul (fronteira com a Argentina).

Os aeroportos internacionais registraram a saída de 32,4 mil venezuelanos, sendo 58% pelo aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, 14% via Manaus, 12% pelo aeroporto de Brasília, e 12% pelo Galeão, no Rio.

**Ainda de acordo com a Casa Civil, 10% dos 300 venezuelanos que entram em Roraima por dia são considerados desassistidos e precisam de algum tipo de ajuda do governo.**

Grande parte dos recém-chegados se concentra na capital, Boa Vista. Na única maternidade pública do estado, os partos quase quadruplicaram e no maior hospital do estado os atendimentos emergenciais a venezuelanos aumentaram de 628 em 2015 para 9,6 mil só no primeiro semestre deste ano.

Para receber os recém-chegados, a operação Acolhida – designada pelo president Michel Temer para lidar com a migração venezuelana – estruturou 13 abrigos públicos no estado, que já têm mais de 6 mil moradores.

**“Em 2018, a travessia dos venezuelanos por Roraima aumentou numericamente com estruturas como a interiorização feitas pelo governo federal e pelas ONGs, mas isso já estava desenhado e acontecendo desde o ano passado”, explica o professor José Carlos Franco, antropólogo e professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR).**

"A tendência é que o fluxo aumente porque quanto mais gente se estabelece pelo país, maior se torna a rede de contato para receber novos imigrantes."

#### **Vida nova em outros estados**

- **Rio Grande do Sul**

Dentre os que escolheram se estabelecer no país está Kimberly Domínguez, de 22 anos. Ela foi transferida de Roraima para Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Dos 837 estrangeiros transferidos de RR para o RS, mais de 300 conseguiram uma ocupação.

Agora, ela e o marido trabalham e moram em uma fazenda, onde cumprem a função de caseiros. **“Brasil me ensinou a partilhar, a ser solidária com todos, a ajudar”, afirmou.**

“Estávamos em uma barraca antes e, quando chegamos ao Rio Grande, era uma casa, um quarto com ar, com televisão, com cama, cozinha, e eu chorava de emoção. Nos levaram comida e suco no quarto, aos meninos, fralda e remédio... Foi muito lindo”, define a venezuelana. "Muito agradecida com todos os gaúchos, "gurias" como se fala aqui", brinca.

- **Rio Grande do Norte**

No Rio Grande do Norte, 60 pessoas tiveram destino parecido. Elas foram recebidas no abrigo da organização humanitária internacional "Aldeias Infantis SOS", em Caicó, região Seridó potiguar. **A família de Manoel e Vanessa foi a primeira a se emancipar** - conseguir estabilidade e deixar o abrigo, para caminhar "com as próprias pernas" no Brasil. Manoel foi contratado como caseiro numa granja.

- **Paraíba**

A Paraíba já recebeu mais de 100 refugiados venezuelanos, dentre eles os **amigos de infância Cabello e Jean Carlos e os primos Alejandro Pereira e Eduardo Marcano**. Até agora eles só tiveram empregos temporários, mas têm a esperança de conseguir algo fixo em 2019.

“Nós somos muito agradecidos por essas pessoas que nos ajudam, mas não queremos viver assim sempre. Queremos trabalhar pra poder ir em busca de uma coisa nossa, se sustentar. E terminar o curso superior que tivemos que abandonar quando saímos da Venezuela”, ressalta Jean Carlos.

Na Paraíba também vive Dionmer Francisco Zambrano, cuja companheira grávida voltou para a Venezuela para ficar perto da família. **Francisco continua no Brasil e manda quase todo o dinheiro que ganha para que a mulher cuide da filha deles**. Após o nascimento do bebê, a companheira dele ficou doente e migrou para a Colômbia em busca de tratamento médico.

- **Bahia**

A Bahia recebeu 30 venezuelanos que foram transferidos de Roraima. **Jesus, de 46 anos, é um dos que vivem no estado**: "Não tivemos outra opção senão abandonar tudo e deixar a Venezuela porque ficou impossível viver lá. Para a gente, não importava o destino, só importava escapar de uma situação que se tornou alarmante em meio a qual não dava mais para sobreviver".

- **Paraná**

**A família de Antônio Fernandez chegou a passar fome na Venezuela**, mas agora trabalha com carteira assinada em um mercado de Londrina, no norte do Paraná. A casa nova e os empregos foram conquistados com ajuda de voluntários.

“O meu medo era onde iríamos viver. Quando chegamos aqui e nos levaram para a casa onde moramos, fiquei impressionada. Eu e minha filha ficamos emocionadas”, diz Silvana de Fernandez.

- **Distrito Federal**

Em seis meses, desde o início do processo de interiorização de venezuelanos pelo Brasil, o Distrito Federal recebeu 183 imigrantes. Desse total, 73 conseguiram casa e trabalho. Na média, portanto, **4 em cada 10 refugiados** que chegaram à capital do país passaram a ter uma renda mensal de, no mínimo, R\$ 980.

Os dados repassados ao **G1** após consulta às organizações que acolheram as famílias em Brasília. O balanço não detalha em quais áreas os imigrantes foram empregados, mas cita que eles permanecem no DF e região do Entorno.

O estudante Alexander Pina, de 19 anos, chegou ao Brasil há três meses. Na Venezuela, o jovem era estudante de desenho industrial, mas precisou trocar o sonho da universidade pelo trabalho com garçom e operador de caixa: "Quero conseguir um trabalho para pagar meus estudos e ajudar minha família".

- **Amazonas**

Herminio Maio, de 54 anos, é artista plástico e desembarcou em Manaus há três meses por meio do processo de interiorização. Mesmo com dificuldades, o venezuelano mantém a esperança e diz que **"a ideia é seguir adiante"**.

"Até o momento estou procurando trabalho por aí com meus quadros e, às vezes, eu trabalho com massa corrida, de pedreiro também", diz o venezuelano.

- **Pernambuco**

Oswaldo Oliveros, 35, venezuelano refugiado em Igarassu, no Grande Recife, **atravessou quatro cidades a pé**, passando por Abreu e Lima e Paulista, até Olinda, distribuindo currículos. Ele caminhou mais de 50 km para ir e voltar, já que não tinha dinheiro sequer para uma passagem de ônibus.

"Trabalho desde os 12 anos, porque meus pais se separaram quando eu era muito novo. Já trabalhei com tudo, como pedreiro, garçom, mas, se pudesse, seguiria como petroleiro. É o que mais gostei de fazer na vida. Mas não estamos na condição de escolher", diz.

- **Mato Grosso**

Em Cuiabá, a dificuldade em busca de empregos formais é a mesma. A legalização da documentação no Brasil e a barreira da língua e da cultura são alguns dos problemas enfrentados por eles.

“Deixamos tudo para trás. Meu pai está doente, com câncer. Cheguei aqui com o propósito de ajudar meu pai no tratamento contra a doença. Consegui trabalho e mando dinheiro para eles [a família]”, comemora.

### **Vai e vem em Roraima**

Enquanto alguns começam vida nova em vários estados do Brasil, Roraima continua sendo a porta de entrada.

Recém-chegados da fronteira da Venezuela, a 215 km de Boa Vista, pai, mãe e filho se preparavam para deixar Roraima e seguir viagem para o vizinho Amazonas

“Não pensamos em ficar porque já temos nosso filho morando em Manaus, e aqui em Roraima também já está cheio. Há muitos venezuelanos e não é fácil conseguir trabalho”, disse José Carmelo, de 52 anos.

A família cruzou a fronteira do Brasil por Pacaraima, no Norte do estado, e esperou quase um dia na rodoviária de Boa Vista por um ônibus que os levasse para mais de mil quilômetros adiante. É uma rota cada vez mais usada por venezuelanos em êxodo.

"Até dois anos atrás o movimento aqui na rodoviária era aos fins de semana, hoje é intenso todos os dias e só aumenta. Os ônibus saem sempre lotados de venezuelanos para o Amazonas e faltam vagas", relatou Jerry Batista administrador da rodoviária.

“É o tempo inteiro assim”, diz uma funcionária do Aeroporto Internacional de Boa Vista apontando para um grupo de venezuelanos prestes a embarcar.

Como eles, ao menos 300 venezuelanos atravessam a fronteira de sua terra natal para o território roraimense todos os dias. De ônibus, carona ou até a pé, percorrem as duas centenas de quilômetros que separam Pacaraima de Boa Vista, trecho que às vezes é apenas mais um num longo percurso para longe de casa.

A travessia, no entanto, não é tão fácil. Na única noite que passaram em Boa Vista, José Carmelo, a mulher, Jaqueline Gomez, e o filho dormiram ao relento nos fundos da rodoviária porque não tinham dinheiro e nem para onde ir.

**“Às vezes temos que passar por sacrifícios para ver até onde podemos chegar, mas isso faz com que a gente cresça, aprenda, conheça”, disse Jaqueline.**

É um percurso marcado por um misto de incerteza e esperança no recomeço. “Se não der certo no Amazonas, pensamos em ir para Porto Velho”, completa José. “Mas também pensamos em voltar para a Venezuela se a crise passar”.

E eles não estão sozinhos. Do outro lado da cidade uma família também se prepara para embarcar. “Vamos para São Paulo”, conta Carolina Martins, de 31 anos, horas antes de partir de avião com o marido Leonel Padriño, 29, e a mãe.

“Foi um alívio, mas ao mesmo tempo muito triste deixar meu país”, relembra Ana Maria Freitas, 54, a mãe de Carolina, sobre o momento em que cruzou a fronteira do Brasil. Agora, prestes a ir para ainda mais longe de casa, só pensa em recomeçar. “Estamos cheios de expectativas”.

## ANEXO B – Comentários

- Comentário 01: Douglas Bacagini (10 curtidas e 3 não curtidas):

Brasil, país mais inocente do mundo. Para imigrar legalmente para outro país é necessário qualificação, garantias financeiras, fazer provas de idiomas, aqui esses migrantes desqualificados chegam só com a roupa do corpo e ganham cidadania, carteira de trabalho, passagem de avião, alimentação, etc. Tem Brasileiro passando fome e sem emprego e esses caras chegam aqui ganhando tudo, quem fez a Venezuela desse jeito foram eles, o que eles vão agregar aqui, vão repetir os mesmos erros de novo.

- Comentário 02: Goddess Spell (2 curtidas e 1 não curtida):

Pois é. Muitos já tem cidadania, titulo de eleitor, e advinha em quem eles votam?

- Comentário 03: Leonardo Sampaio (16 curtidas e 20 não curtidas):

Não vindo parar em SP está tudo Ok! Isso vale pra vocês do Norte e Nordeste também!

- Comentário 04: Goddess Spell (0 curtida e 1 não curtida):

Já era. Infelizmente SP já está infestada de venezuelanos. E esse Governo incentivando a vinda deles cada vez mais e mais

- Comentário 05: Ronei Costa (44 curtidas e 17 não curtidas):

Primeiro estou preocupada com os 13 milhões de Brasileiros desempregados, depois eu penso nos Venezuelanos e todos os outros imigrantes!!! Sendo a maioria deles ilegais no Brasil deveriam ser extraditados e os empresários serem multados quando contratarem pois estão tirando os empregos do brasileiros “Primeiro pão aos filhos”

- Comentário 06: Ronei Costa ( 5 curtidas e 0 não curtida):

Hipocrisia seria eu tirar o emprego dos Brasileiros para dar aos estrangeiros, eu acabar com o Brasil por causa de uma crise política econômica da Venezuela, Haiti, etc...

- Comentário 07: Goddess Spell ( 0 curtida e 0 não curtida):

Exato! Brasil para os brasileiros! O país só está se acabando com essa mania de querer ser bonzinho e acolher a todos, chegando a preterir aos seus.

- Comentário 08: Antonio Castro (118 curtidas e 13 não curtidas):

O G1 poderia fazer uma reportagem, por que esses Venezuelanos estão fugindo do seu país, que crise é essa, e o por que dessa crise, e como são tratados pelo ditador Maduro, e se eles estão fugindo da crise ou da ditadura comunista.

- Comentário 09: Jeferson Silva (2 curtidas e 0 não curtida):

elisangela barbieri

- Comentário 10: Leonardo (0 curtida e 0 não curtida):

estão fugindo porque estão passando fome, eles nao tavam nem ai se era regime socialista e ditatorial, só estão se tocando agora

- Comentário 11: Camila limma (3 curtidas e 0 não curtida):

O que nos deixa receiosos nesse processo de interiorização é que essas carteiras de vacinas dos venezuelanos são duvidosas, pois foi só começar a chegar esses imigrantes nos Estados brasileiros que começaram a chegar o Sarampo também. Muitos copiam os lotes e as datas de outros para viajarem...

- Comentário 12: José Godoy (6 curtidas e 0 não curtida):

Venezuelanos precisam de ajuda humanitária.. Mas o Brasil tá com essa moral toda para ajudar.. A solução é que eles sigam para um país rico...

- Comentário 13: Marcelo Lima (5 curtidas e 1 não curtida):

Colocam o socialismo no poder e em seguida fogem para o capitalismo. Quando isso vai parar?

- Comentário 14: Reverendo Jonas (6 curtidas e 46 não curtidas):

Todos os venezuelanos são bem-vindos aqui no Brasil. Não usamos samos uma nação facista como EUA. É nosso dever pressionar o governo para que parte do dinheiro público seja usado para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

- Comentário 15: Jose Gomes (6 curtidas e 0 não curtidas):



Coloca todos na sua casa é os mantém Sr. Reverendo Jonas. Fazer festas com dinheiro alheio é coisa mais fácil. É isso o discurso destes Petralhas idiotas e preguiçoso.

- Comentário 16: José Godoy (2 curtidas e 0 não curtida):

Eles já estão se espalhando pelo Brasil... No interior de SP, já veio alguns, com famílias pelas ruas, falando castelhano misturado com brasileiro..

- Comentário 17: Giovanna Fischer (8 curtidas e 46 não curtidas):

Nois enquanto povo brasileiro temos a obrigação moral e cívica de acolher nossos irmãos vizinhos de causa. Quando o nosso líder voltar a presidência seja irá prover nossos irmãos e companheiros com as mesmas benesses do bolsa e outros, e assim mostraremos ao mundo como se governa para o pobre e o desamparado nesse país.

- Comentário 18: Diego Quinto (3 curtidas e 0 não curtida):

Obrigação? So se você se sentir obrigada. Aproveite e acolha todos em sua casa.

- Comentário 19: José Godoy (3 curtidas e 0 não curtidas):

Sim, ela para dizer isso tem que dar a própria moradia para os venezuelanos, se não esta sendo hipócrita..

- Comentário 20 Jobs (144 curtidas e 5 não curtidas):

Engraçado que os “jornalistas” não falam a causa da “crise que foi a implantação do Socialism0.

- Comentário 21: Airton Roberto (1 curtida e 1 não curtida)

gangster vermelha.

